



Sonhos Lúcidos

por

William Francisco Henrique



SONHOS LÚCIDOS
por
William Francisco Henrique

*Aos meus pais,
pela dedicação.*

*Ao amigo Zé Carlos,
pela orientação.*

ÍNDICE

Prefácio	05
Introdução	07
A Balança Divina	08
A Decisão	15
Saudade Incoerente	22
O Escolhido	28
Uma História Estranha	37
Covarde Coragem	41
Enrico	47
A Lua por Testemunha	60
Tempo	61
Sobre o Autor	62

PREFÁCIO

O escritor paulistano William Francisco Henrique estréia em livro com a coletânea de contos intitulada "*Sonhos Lúcidos*", título ao mesmo bom e paradoxal. Digo bom porque é bonito e agrada. Paradoxal porque não são tão lúcidos assim, pois as histórias desenrolam-se, embora fantasiosas e não rigorosamente doutrinárias, a partir de ensinamentos do espiritismo Kardecista ou então seguindo os meandros do chamado realismo mágico, que tão bons narradores vem dando à literatura brasileira e mundial, o que reconheço na minha imparcial opinião de quem prefere os moldes da linha definida por Nelly Novaes Coelho como sendo a do cotidiano dramático.

O que importa mesmo é que em "*Sonhos Lúcidos*" William Francisco Henrique reúne sete contos e algumas crônicas, tendo como cenário predominante a paulicéia, desvairada ou não, com raras exceções, como o conto "*Enrico*", erótico e policial, sendo o tema a violência urbana, que tem por cenário a cidade do Rio de Janeiro cuja violência tão bem retrata.

O conto inicial, "*A Balança Divina*" passa-se em Londres. Muito bem feita é a descrição do andamento de um jogo de baralho e principalmente a análise psicológica do personagem central, tão bem feita que William Francisco Henrique, não sei se propositalmente ou não, evoca passagens do texto de Stephan Zweig em seu marcante e inesquecível "*Vinte e Quatro Horas na Vida de uma Mulher*".

Em "*A Decisão*" o contista inicia o texto fazendo, com perfeição, uma legítima literatura urbana de sua cidade de São Paulo, mas partindo daí envereda por outros caminhos, enfocando conflitos sentimentais e familiares, pondo personagens desorientados no impasse entre a vida e a morte.

Entre todos os contos de "*Sonhos Lúcidos*" minha preferência vai para "*Urna História Estranha*", perfeitamente enquadrada nos limites

do realismo fantástico e como tal digno de ser assinado até mesmo por Edgar Allan Poe.

Em síntese pode-se dizer que os contos de William Francisco Henrique, na maior parte das vezes, oscilam com habilidade entre o real e o onírico de forma tal que tudo se afigura verossímil.

Possuidor de inegável talento inato, William Francisco Henrique demonstra ter muita garra de bom ficcionista, escrevendo de modo claro e preciso, com beleza e segurança:

"Um galho estalou em uma árvore próxima, graças ao peso do acúmulo de neve, fazendo com que Hunt saísse do torpor de pensamentos em que se encontrava e voltasse a observar ao seu redor com toda a astúcia nata dos caçadores. A alva neve que cobria o terreno uniforme refletia em muito a luz do luar, permitindo uma visibilidade excelente, apesar dos flocos que insistiam em cair".

Como já foi dito, freqüentemente o contista focaliza aspectos diversos da cidade de São Paulo, mas de vez em quando ele deixa-se levar pelas elucubrações filosóficas, como quando diz:

"Poucas pessoas tem a capacidade de enxergar a vida tal e qual ela realmente é, sem preconceitos, mágoas ou mesquinhas. As pessoas custam a aprender - e na maioria das vezes sequer aprendem - que a vida em sua última essência não é boa e nem má. Apenas deve ser vivida, minuto a minuto, hora a hora, dia a dia, ano a ano, em busca de uma natural evolução espiritual".

"*Sonhos Lúcidos*" é um livro de estréia, porém, mais do que um primeiro passo promissor, não é apenas uma promessa e já por si só surge como revelação de um talento autêntico.

José Afrânio Moreira Duarte
Academia Mineira de Letras

INTRODUÇÃO

Sonho lúcido é a capacidade que alguns indivíduos possuem de ter a consciência do seu estado durante o processo natural do sonho, e a partir deste momento, conseguir controlá-lo conforme a sua vontade.

Cada conto publicado nesta coletânea foi resultado de projeções do meu subconsciente durante o sono, a maioria ainda na adolescência. Vale lembrar que em nenhum deles participei diretamente como protagonista, mas os regi tal qual um diretor teatral, muitas vezes surpreendendo-me com o resultado alcançado no final.

Claro que os sonhos sempre trazem consigo uma forte carga emocional que reflete o estado de espírito de quem o produz, mas no caso específico dos sonhos lúcidos essa associação pode ser trabalhada de forma figurativa, atribuindo às imagens um conteúdo narrativo que serve até mesmo como um processo terapêutico, um elo entre o inconsciente e a realidade.

Espero que você, caro leitor, possa entreter-se com este livro, reflexo da pungente necessidade de humanização coletiva no mais simples e profundo dos sentidos, livrando-nos assim da posição de vítimas do processo de individualização a que somos submetidos na sociedade moderna, dia após dia.

Muito obrigado e boa leitura,

William Francisco Henrique
Junho de 2008

A BALANÇA DIVINA

Libertei-me do transe em que me encontrava no momento em que ouvi o barulho característico do relógio cuco na parede atrás de mim. Como não havia prestado atenção em quantas vezes o cuco havia tocado, tencionei em vão virar-me para trás para conferir as horas – sentindo uma aguda dor na coluna – quando percebi que, da cintura para baixo, o meu corpo estava completamente adormecido. Estava sentado numa cadeira dessas de estilo clássico, de madeira trabalhada e envernizada, com estofamento de veludo vermelho escuro e espaldar reto, pesadamente acomodada sobre um finíssimo tapete persa meticulosamente trabalhado. Olhei discretamente com o canto dos olhos para o relógio de pulso do jogador sentado à minha direita, e com espanto percebi que já se passava das quatro horas da madrugada. Não era de se estranhar que o meu corpo estivesse adormecido. Estava sentado na mesma posição a nada menos que oito horas, sem sequer tomar conhecimento disso.

Enquanto recebia automaticamente mais uma mão de cartas observei, através da espessa fumaça de cigarros que se acumulava no ambiente sob a luz baixa e forte da mesa de carteador, que os meus adversários estavam completamente absorvidos pelo jogo e que com certeza ainda não tinham se apercebido de que certamente seus corpos estavam tão ou mais adormecidos e cansados do que o meu.

Éramos quatro jogadores anônimos na mesa, numa luxuosa mas aconchegante sala decorada em estilo vitoriano, escondida atrás da biblioteca de uma abastada residência da tradicional cidade de Londres, jogando pôquer desde as oito horas da noite anterior. Nós nunca havíamos nos visto antes, mas estávamos todos ligados por um sentimento comum muito forte que corre lépido nas veias de todo jogador: O vício.

À minha esquerda, trajando camisa branca e uma surrada calça cinza de *tweed* presa por suspensórios pretos desbotados, estava sentado

um senhor cuja aparência frágil era a de um homem simples da classe média londrina, talvez um contador, escravo da monótona rotina diária de trabalho, carregando sempre consigo a bengala e o chapéu coco, uma espécie de uniforme da profissão. Sujeito alto, calvo, magérrimo, com grossas sobrancelhas e um pequeno mas disforme nariz que lutava para equilibrar os grandes óculos que teimavam em escorregar por sua pele oleosa e tampar-lhe as narinas. Não falou uma palavra além do necessário durante todo o jogo, mostrando-se terrivelmente inseguro na hora de trocar as cartas. Em noite infeliz, havia mais perdido do que ganhado até então.

À minha direita estava acomodado o homem cujo relógio eu havia observado as horas. Estatura mediana, cabelos negros e lisos penteados para trás, pele morena realçando os ágeis olhos azuis, destaque em um rosto limpo como o de um bebê. Certamente aquele homem não aparentava a idade que tinha. Vestido com uma blusa de lã azul escuro e calça social de cor cáqui, era o tipo de pessoa que devia conquistar facilmente novos amigos. Fazendo uma piada ou outra de vez em quando, mostrava-se comunicativo e bem-humorado. Tinha uma maneira linear de jogar, seguindo sempre uma regra uniforme na troca das cartas, sendo o jogador que pensava menos para fazer tal operação. Com estratégia estável, não ganhava nem perdia muito.

À minha frente estava sentado um senhor idoso, baixo, totalmente careca e extremamente gordo. Vestia um caríssimo terno branco que apesar de bem talhado não lhe caía bem, graças ao excesso de peso. Ostentava um relógio cuja grossa corrente de ouro atravessava-lhe o peito, repousando dentro de um pequeno bolso do colete, onde permanecia guardado. Era o dono da casa e organizava as noitadas de pôquer pelo puro prazer de jogar, já que dinheiro não lhe fazia falta alguma. Eram suas as apostas mais altas, divertindo-se com o desespero dos adversários quando não podiam superá-las. Graças ao caráter duvidoso conseguiu progredir até a confortável posição de banqueiro, prejudicando muitas pessoas e prestando favores ilícitos a várias outras, muito mais influentes e poderosas do que ele. Não podia ser considerado um bom jogador, pois não

utilizava técnica alguma, apenas possuía a audácia e a sorte comum às pessoas que tem muito dinheiro. Em boa noitada, era o que mais havia ganhado até então.

Em uma rodada em que me vi obrigado a sair do jogo antecipadamente por não ter uma boa mão – apenas uma dupla de noves – resolvi fazer um rápido balanço da minha situação após oito horas decorridas. Olhando rapidamente para o monte de notas amassadas que estavam desordenadamente colocadas à minha frente sobre o feltro verde, observei que já havia acumulado cerca de mil e duzentos dólares. Nada mal para um jogo com aposta mínima de vinte e cinco. Mas, se eu quisesse manter minha integridade física, tinha que conseguir nesta noite uma quantia um pouco maior.

Ficara sabendo desta mesa de pôquer através de um influente amigo meu, durante um jantar informal em um pequeno restaurante afastado centro de Londres. Comentava minha difícil situação, na esperança de conseguir alguma espécie de ajuda. “Jones...” – disse-me ele, como que contando um segredo – “Eu não posso lhe emprestar essa grana toda, mas conheço um lugar onde você, com sua experiência em pôquer e uma boa dose de sorte, pode se sair bem...”. Entusiasmado, corri para casa, tomei um bom banho e vesti a minha melhor roupa, um terno azul escuro que havia ganhado como pagamento de dívida de jogo alguns meses antes. Somei todas as minhas economias – míseros duzentos dólares – e toda a coragem que me restava para tentar alcançar os dez mil que necessitava urgentemente para pagar a dívida – de jogo, é claro – cujo prazo vencia na noite seguinte. Era minha última e desesperada alternativa, se quisesse manter todos os meus ossos intactos e meus alinhados e brancos dentes no lugar correto da boca, ou seja, na parte de dentro.

Como todos nós, acima de tudo, éramos amantes da prática do carteadado, nem nos passava pela cabeça parar de jogar antes que alguém realmente saísse com uma grande vantagem sobre os demais. Assim sendo, o dono da casa – que de alguma forma me lembrava um personagem *Felliniano* – ordenou que uma de suas empregadas servisse lanches e bebidas, para que todos nós

podéssemos agüentar as longas horas que certamente estavam ainda por vir. Alimentados, voltamos com animação redobrada para a mesa de carteadado. Jogamos por mais um longo período de tempo, completando quase quatorze horas ininterruptas de jogo. Eu já acumulava uma razoável quantia, pouco mais de três mil dólares. A sorte parecia sorrir apenas para mim e para o nosso anfitrião, que nem tentava disfarçar a satisfação de ver seus adversários desistirem ante os seus enormes e evidentes blefes. Eu estava ainda sete mil dólares aquém do meu objetivo, e prometi a mim mesmo que não sairia daquela mesa enquanto não o alcançasse.

Quando já começava a me acostumar com os enfadonhos blefes do gordo, recebi em mãos uma boa combinação: Dois ases – um de espadas e um de ouros – um rei de copas, um valete de paus e um dez de ouros. Após uma rápida e atenta análise das minhas possibilidades, mantive os ases e o rei de copas, trocando as outras duas cartas. Tentava formar uma trinca de ases, ou, no mínimo, dois pares com mais um rei. Quando recebi a troca, abri lentamente uma a uma as duas cartas, constatando que acabara de receber mais um ás – agora de copas – e um rei de espadas! Finalmente eu tinha nas mãos um ótimo *Full Hand* de três ases e dois reis. Uma excelente combinação, considerando uma mesa com quatro pessoas. Somente quatro, dentre as mais de dez combinações de cartas possíveis, poderiam me vencer: o *Flush*, a *Quadra*, o *Straight Flush*, e, é claro, o maior jogo possível em pôquer, o *Royal Straight Flush*, que é uma seqüência do dez ao ás, todos do mesmo naipe. O gordo apostou de cara quinhentos dólares, rindo-se gostosamente dos outros dois adversários que imediatamente desistiram, jogando as cartas fechadas na mesa. Das duas, uma: Ou ele tinha um excelente jogo em mãos ou estava novamente blefando. Mas quem seria louco de cobrir uma aposta tão alta sem ter um jogo à altura nas mãos?

Era agora ou nunca. Olhei fixamente para os seus olhos cheios de sarcasmo e dobrei a aposta. “Seus quinhentos mais quinhentos”, disse eu empurrando mil dólares para o centro da mesa. Os outros dois jogadores olharam surpresos para mim, enquanto o gordo, já não tão sorridente, aumentou ainda mais a sua aposta, tentando com

isso me fazer desistir. “Seus quinhentos mais mil e quinhentos”, retrucou ele, arremessando sobre o meu dinheiro mais dois mil dólares. Já estavam em jogo na mesa, fora os cem dólares da aposta mínima, três mil e quinhentos dólares. Comecei a transpirar. Eu estava arriscando tudo em uma única mão, como já havia feito inúmeras vezes durante a vida. “Seus mil e quinhentos mais quinhentos”, disse lenta e desafiadoramente, quase soletrando cada palavra da frase. Vendo que eu já não tinha mais dinheiro para apostar, o gordo olhou com desprezo para mim e esbravejou, batendo com a mão sobre a mesa, fazendo estremecer tanto os copos como os outros dois jogadores que agora eram apenas espectadores. “Seus quinhentos mais cinco mil! Cubra isto, se puder!”

Como foi preestabelecido como regra no início da noite, se um jogador não pudesse cobrir as apostas e não dispusesse de um fiador de confiança, seria obrigado a abandonar a mesa. Essa, certamente, não era a melhor solução para mim, pois além de sair sem dinheiro algum, colocaria minha cabeça a prêmio na noite seguinte. Com mais de onze mil dólares em jogo, ou seja, a solução dos meus problemas, resolvi fazer uma proposta absurda e arriscada, apostando no sadismo do nosso anfitrião. Não tinha outra alternativa. Se desistisse agora passaria a correr risco de vida. Colocando meu espírito de apostador acima de tudo, argumentei. “Como o senhor pode perceber, não possuo tal quantia. Assim sendo, permita que eu lhe faça uma proposta, tendo como testemunha nossos dois colegas aqui presentes. Aposto o meu dedo mínimo da mão esquerda. Se eu tiver o melhor jogo, levo todo o dinheiro. Se eu perder, você corta, aqui e agora, o meu dedo fora.”

Espantados, os outros dois jogadores olharam para mim com pesar, pois deduziram que eu estava em maus lençóis, precisando urgentemente do dinheiro, ainda que admirando a minha coragem. O gordo olhou diretamente dentro dos meus olhos por alguns instantes e chamou a sua empregada. Ordenou que ela providenciasse uma tábua de carne, martelo, pregos, um fio de arame grosso e um facão bem afiado. Passaram-se infundáveis dez minutos até que a

empregada, sem entender absolutamente nada, trouxesse tudo o que lhe foi pedido.

O gordo, ao constatar que tudo estava de acordo com o solicitado ordenou, num tom ríspido de voz, que ela se retirasse. “O senhor permite que eu imobilize o seu dedo, por via das dúvidas?” – perguntou-me. “Pode ficar à vontade” – respondi, disfarçando a minha quase insuportável angústia. Estiquei a mão esquerda aberta sobre a tábua de carne e, separando o meu dedo mínimo dos demais, o gordo martelou dois pregos, um de cada lado do meu dedo, imobilizando-o por completo com o arame. O jogador que permanecia à minha esquerda perguntou, para desagrado do gordo, se era realmente necessário que eu fizesse aquilo. Tranqüilizei-o, dizendo que sabia exatamente o que estava fazendo, embora intimamente não tivesse tanta certeza assim...

Eu segurava minhas cartas com a mão direita, suando muito apesar do frio que dominava o ambiente. Olhando para o facão que repousava ao lado do dinheiro, resmunguei. “Vamos acabar logo com isso! Este é o meu jogo...” – dispondo lentamente as cartas sobre o feltro verde – “...*Full Hand* de três ases e dois reis. É a sua vez...”, disse então, dirigindo-me ao gordo.

Após verificar o meu jogo o gordo deitou o corpo para trás na cadeira, em silêncio, olhando momentaneamente para o teto. Num ímpeto, apanhou o facão com a mão direita e golpeou violentamente a tábua de carne, rente ao meu dedo, ao mesmo tempo em que mostrava as suas cartas com a mão esquerda. Desde o momento em que ele começou a desferir o golpe, fechei os meus olhos, esperando que o meu sangue jorrasse sobre a mesa. Disse então suavemente, para o alívio de todos. “*Full Hand* de três valetes e dois noves. Você venceu, ainda que por muito pouco.”

Observei extasiado o jogo dele depositado ao lado da tábua de carne, enquanto os outros dois jogadores, tremendo, tentavam retirar os pregos que imobilizavam a minha mão. Ensopado de suor, peguei o dinheiro sobre a mesa, tentando me controlar para não avançar sobre

o gordo pela brincadeira de mau gosto. Adivinhando meus pensamentos, falou polidamente enquanto esticava a mão para me cumprimentar. “Eu não sei o seu nome, mas teria imenso prazer em jogar novamente com o senhor. O senhor é um jogador nato, como poucos que se vê por aí. Meus parabéns e obrigado pelas horas de prazer que nos proporcionou”. Foi a última vez que o vi na vida. Imediatamente fui saldar a minha dívida, e ainda me sobrou algum dinheiro. Na manhã seguinte, dia do meu vigésimo sexto aniversário, prometi a mim mesmo que nunca mais sentaria em uma mesa de carteados. Iria procurar um emprego digno e viver como tal o resto da minha vida.

Hoje tenho setenta anos. Lembro-me que após aquele incidente eu tentei começar uma nova vida. Empreguei-me em um escritório de advocacia e fui galgando posições rapidamente. Encontrei Meg, a única pessoa que eu amei e provavelmente a única que me amou, também. Nos casamos. Tínhamos uma vida estável e feliz, mas cinco anos após arriscar o meu dedo na mesa de jogo o vício falou mais alto e eu a abandonei. Foram mais quarenta anos de carteados, uma vida cheia de altos e baixos, de emoções, aventuras e mulheres fáceis.

Todo homem, no final da vida, se vê obrigado pela própria consciência a colocar sua existência no que meu pai, homem temente a Deus, costumava chamar de “Balança Divina”. Em um dos seus pratos ficam as infelicidades, amarguras, arrependimentos, e, no outro, os momentos felizes, o amor, a paz de espírito.

Colocando a minha vida na balança percebo que pesa mais o prato das infelicidades. Como saldo de uma vida inteira dedicada ao vício me sobrou, além das lembranças de inúmeras aventuras, uma pequena casa construída em um bairro pobre da periferia londrina – comprada com dinheiro de jogo – um carro velho, a mais absoluta solidão, um imensurável arrependimento por abandonar a mulher que me amava e queria me dar filhos, três dedos na mão direita e dois na esquerda.

A DECISÃO

“Pra renovar meu ser... faltava mesmo chegar você... assim, sem avisar... e acelerar... um coração que já bate pouco... de tanto procurar por outro... anda cansado... mas quando está ao seu lado... fica louco de satisfação... solidão nunca mais...”

A letra de “*Frisson*” – emoldurada pelos melodiosos acordes de violão – sempre tocavam o coração de Augusto, por mais que já a tivesse escutado na vida. Homem romântico e sensível apesar da corpulência, sempre se emocionava ante a idéia da entrega total ao amor, coisa que nunca teve coragem de fazer, em seus trinta e cinco anos de vida.

Com um breve suspiro acomodou-se no banco do carro, tirou a mão do dial do rádio e levou-a ao volante, satisfeito com a coincidência, já que a música era raramente executada. Com a outra mão afrouxou o nó da gravata, em uma tentativa natural de relaxamento. Naquela madrugada quente de Janeiro o trânsito de São Paulo estava tranqüilo e Augusto aproveitou para admirar a beleza que a região central da cidade ocultava na cruel solidão de suas construções, prédios e praças, testemunhas silenciosas de tantas histórias da grande metrópole.

Abriu totalmente o vidro do carro e sentiu o vento úmido do verão beijar seu rosto, despreocupado com violência que, ele sabia, jamais o afetaria. Tinha consciência do perigo que corria, mas também uma certeza tão grande de que nunca seria assaltado que raramente se importava em tomar esse tipo de precaução.

Parou em um semáforo fechado na Avenida Ipiranga e observou indiferente, à sua direita, a Praça de República com sua fauna noturna. Taxistas, garotas de programa em busca de um último cliente e mendigos que cambaleavam cabisbaixos procurando um lugar para dormirem no coreto da praça, acompanhados pelo fiel e inseparável companheiro de todas as horas, o álcool.

Augusto olhava para a praça, mas seus pensamentos o levavam para a festa que acabara de participar. Passar a noite na companhia de Adriana havia sido maravilhoso, um verdadeiro oásis no meio do deserto emocional em que vinha vivendo. Adriana era uma menina linda, cheia de vida e esperança, no frescor dos seus vinte anos. Encantara-se por ele e pelo seu sincero romantismo, pelo seu jeito gentil e doce de tratar as mulheres.

Quanto mais recordava o brilho de felicidade que vira estampado nos olhos de Adriana mais triste se sentia. Representara para ela um personagem durante toda à noite, um verdadeiro ator exercendo o papel de uma pessoa feliz, estruturada, emocionalmente equilibrada. Deus sabia que não era bem assim. Qualquer pessoa que conversasse com Augusto tinha a certeza de estar lidando com uma pessoa tranqüila e simpática, apesar da mal-disfarçada timidez. Augusto não tinha inimigos, muito pelo contrário. As pessoas gostavam dele. Mas ele sabia – e não podia mais suportar isso – que o seu pior inimigo era ele mesmo.

Estava vivendo a pior fase da sua vida mas escondia isso de todos com maestria. Sua família estava completamente desestruturada, seus pais estavam separados há cinco anos e se odiavam mais a cada dia que passava. Todo o amor que ele conhecera na infância parecia ter desaparecido ao longo do tempo, levando consigo toda a sua autoconfiança. Seu filho, fruto de um relacionamento inseqüente na adolescência, viciou-se em cocaína e estava metido com traficantes. O rapaz não superou a morte da mãe – vítima de um traumatizante assalto seguido de estupro – e desprezava a ajuda oferecida pelo pai, a quem tratava como um estranho. Veladamente culpava Augusto pelo que acontecera com eles.

Augusto estava desempregado, vivendo do pouco dinheiro que lhe sobrara, mas mesmo assim mantinha as aparências, não para enganar aos outros, mas para tornar a própria vida mais suportável. Vivia de aluguel mas sabia que em pouco tempo não poderia mais honrar a dívida. Um calafrio lhe percorria a espinha só de pensar que

poderia terminar como os mendigos que agora mesmo ele estava observando.

O que mais o incomodava era a consciência de que era um homem capaz, que poderia procurar um novo emprego, recomeçar a vida do zero. Ele simplesmente não queria. A profunda depressão que o assaltava durante a noite o impedia de motivar-se para uma nova vida, e a horrenda sensação de culpa advinda disso era bem maior do que ele vinha suportando nos últimos meses. Frequentemente pensava em suicídio. A morte parecia um alento, uma fuga, um alívio, embora soubesse ser muito covarde para cometer tal ato. Sendo assim, vivia por viver, infeliz, derrotado, deixando-se levar pelo destino, mesmo sabendo que a felicidade corria ao seu lado, desafiando-o a alcançá-la. Adriana era um sinal claro disso, mas ela merecia algo melhor que um mero covarde, pensava ele.

– Acorda, palhaço! Vai esperar o farol fechar de novo? – O motorista atrás do seu carro buzina furiosamente, reclamando.

Augusto pediu desculpas pelo retrovisor, engatou a marcha e, irritado, deu-se conta que agora tocava uma música que ele não gostava. Já estava próximo ao cruzamento seguinte, com o semáforo verde para ele. Sendo assim, baixou os olhos para o rádio, tencionando mudar de estação.

Em uma fração de segundos sentiu seu corpo leve, uma sensação estranha, como se estivesse flutuando. Depois de um tempo que não saberia precisar, viu seu carro batido contra um poste, totalmente destruído. Ao lado, um caminhão tombado, ainda com as rodas girando no ar. Olhou para dentro da cabine e viu o corpo do motorista, já sem vida, esmagado entre as ferragens. Correu então em direção ao seu carro, pensando como poderia aquilo estar acontecendo. Estaria sonhando? Parou quando viu uma poça de sangue no chão, próximo aos seus pés. Mais alguns passos e viu seu próprio corpo, ensangüentado, inerte no asfalto.

Finalmente teve a consciência do que estava acontecendo e, estranhamente, sentiu-se feliz por ter morrido sem nenhum sofrimento físico. Havia sido uma fatalidade, não precisaria mais continuar sofrendo na vida. Deus havia finalmente sido piedoso com ele. Curioso, observava as pessoas que se aproximavam da cena do acidente enquanto permanecia parado, de pé, ao lado do seu corpo físico. Sentiu então uma mão tocar seu ombro e virou rapidamente, imaginando encontrar o anjo que viria buscá-lo.

– E então, Augusto... Satisfeito? – Perguntou o homem.

– Como é?

– Estou perguntando se você está satisfeito, agora... Não é isso que você vinha querendo?

– Não sei explicar... Agora que aconteceu, sinto-me aliviado. Mas quem é você, afinal? Como pode me ver, se eu estou morto?

– Sou o motorista do caminhão que bateu em você – explicava, apontando para o corpo prensado entre as ferragens – e devo ter dormido ao volante, porque estava muito cansado. Agora é tarde para mim. Finalmente chegou a minha hora.

– Sei... – Mas Augusto não sabia o que dizer. Não tinha raiva do homem que tirou a sua vida. Pra falar a verdade, quase queria agradecê-lo.

– Preciso ir, já estão me chamando. Mas antes tenho que te dizer uma coisa.

– Pode dizer.

– Você ainda não morreu, Augusto. Você ainda pode escolher, porque Deus te deu essa chance.

– Como é?

– É isso mesmo. Você está muito machucado. Tão machucado que até sua alma já se projetou para fora do corpo. Mas você ainda tem o direito da escolha. Se quiser, pode voltar e continuar a viver.

– Não é possível! Olha pra mim... – Augusto cutucava com o pé o seu próprio ventre, e borbotões de sangue jorravam de um buraco no seu estômago.

– Não sou eu quem decide as coisas por aqui, Augusto. Sou tão novo nisso quanto você... – disse o motorista do caminhão.

– Não dá pra entender...

– Não tenho mais tempo, Augusto. Preciso que você faça logo a sua escolha. Minhas ordens são de te avisar antes de subir, já que eu fui o culpado pelo nosso acidente. Se você escolher morrer – explicou o motorista – tudo acaba aqui. Você vem comigo, porque foi uma pessoa boa em vida. Fraca, mas boa. Suas qualidades superaram os seus defeitos.

– Bem que eu imaginava merecer mesmo o céu... – respondeu Augusto, aliviado.

– Mas, se você escolher viver – continuou o motorista – vai passar por um processo muito lento e doloroso de recuperação. No final das contas, vai poder ficar na terra por mais vinte e sete anos e tentar recuperar a sua vida, ser feliz novamente, como era na infância. E então? Não temos tempo. Decida.

Augusto olhou para o próprio corpo e ouviu o som da sirene do carro de resgate do corpo de bombeiros. Um paramédico abriu caminho na multidão que se aglomerava, abaixou-se e virou o corpo de Augusto de barriga para cima, com muito cuidado. O seu rosto estava desfigurado, banhado em sangue, mas com o movimento seus olhos sem vida se defrontaram com os de seu corpo astral, fazendo Augusto estremecer por inteiro.

– Desfibrilador! Tragam rápido o desfibrilador, ele ainda está vivo, mas sem pulso! Rápido, podemos tentar ressuscitá-lo! – gritava o paramédico, ainda que duvidando da recuperação em um caso tão extremo.

O grupo de bombeiros começou então a trabalhar ali mesmo, no asfalto. As pessoas em volta olhavam e sussurravam, algumas indiferentes, outras apreensivas. Augusto via seu corpo pular a cada descarga elétrica do aparelho, enquanto outro médico tentava estancar o sangue do ferimento no seu estômago.

– Augusto, não temos mais tempo. Sim ou não?

– Eu... Eu...

– Que forma de começar o dia – falava em voz alta o paramédico para o seu parceiro, enquanto trabalhava na recuperação de Augusto

– Não faz nem duas horas fiz o parto de uma moradora de rua... Dois bebês. Gêmeos! Nem deu tempo de levar a mulher pro hospital... Aumenta a potência, nós o estamos perdendo... Um menino e uma menina... Lindos... Não sei como puderam chegar a nascer naquelas condições! Agora isso... Algum sinal de vida? – indagou.

– Nada... – respondeu o assistente.

– Aumenta pra carga máxima! Reage, homem... vamos, me ajuda a te ajudar... As crianças sobreviveram, mas a mãe morreu nos meus braços, logo depois do parto... Sabe o que foi a última coisa que ela disse? Que eu registrasse as crianças com o nome de Augusto e Adriana, o nome dos seus pais... Foi o último pedido da mulher... Agora vou ter que me virar pra fazer isso.

Augusto olhou emocionado para o motorista. Duas enormes asas brancas haviam crescido nas suas costas. Não foram necessárias palavras. Pelo olhar, ele soube a resposta de Augusto.

– Boa sorte, Augusto... Te vejo algum dia lá em cima... E vê se aproveita essa chance que o Pai te deu... Não é sempre que acontece.

– Vou fazer o possível, meu amigo... Vai com Deus... E agradece a Ele por mim.

– Vamos... vamos... luta, homem... luta!!!!

– Nós o perdemos... – disse o assistente.

– Não! Ainda não... Vamos tentar mais uma vez! Desfibrilador!

Com o choque, o monitor cardíaco acusou uma leve pulsação. Augusto retornava lentamente à vida.

– Eu não disse? Olha só! – vibrou o médico – O cara tá reagindo! Calma, meu amigo... não tenta falar nada... vai dar tudo certo, nós vamos te levar para o hospital.

Colocaram Augusto cuidadosamente em uma maca e o conduziram até a ambulância, acompanhado por dois médicos que monitoravam cada reação do seu organismo. Ele estava em estado de semiconsciência, sentindo muita dor. Enquanto subiam a maca até a

ambulância uma mendiga se aproximou e foi logo afastada por um dos médicos. Ao longe, ele ouviu-a dizer:

– Fez a escolha certa, filho...

Augusto sorriu agradecido e uma dor lancinante fez com que perdesse novamente a consciência. Voltou à vida somente seis meses depois, quando saiu do coma profundo em que mergulhara naquele instante.

– O que aconteceu aqui, Mário, foi praticamente um milagre... – disse o paramédico que atendeu Augusto ao seu assistente, enquanto tirava as luvas ensangüentadas e observava a ambulância partir.

– Em uma condição dessas, é muito rara a recuperação do paciente. Chego até a duvidar que ele possa vir a sobreviver... Mas vamos torcer por ele, certo? E a outra vítima?

– Não teve a mesma sorte. Está ainda lá, prensado no caminhão. – Já avisaram a família?

– Não. Peguei os documentos dele agora, vou entregar ao policial para que possa entrar em contato.

– Certo... E quais as informações que você já tem?

– Deixa ver... – respondeu Mário, limpando o sangue da carteira de identidade do rapaz, com certa dificuldade pela escuridão da madrugada – ...o infeliz tinha 33 anos.

– E como se chamava? – Indagou o paramédico, apenas para dar continuidade ao assunto.

– Ele se chamava... Jesus.

SAUDADE INCOERENTE

O movimento contínuo do ventilador de teto, com seu ruído letárgico e hipnótico, servia como uma espécie de unguento para a dor lancinante que Pedro estava sentindo naquela madrugada. O calor no quarto era intenso, fazendo com que todos os poros do seu corpo vertessem água como uma nascente em plena atividade. Mais uma vez a febre da solidão o dominava, minando as suas defesas com uma crueldade sem limites.

Sem mover um músculo sequer, olhou para o relógio digital na cabeceira da cama, o único foco de luz no quarto escuro. 3:44 da madrugada. Limpou com os dedos o suor acumulado nos olhos, fazendo-os arderem como fogo, e observou por alguns minutos o vulto adormecido ao seu lado.

A prostituta com a qual tivera relações dormia profundamente, indiferente à sua presença na cama. Com muito cuidado abraçou silenciosamente a jovem – certamente menor de idade – em uma busca desesperada por carinho, mas a única resposta que obteve foi um resmungo com hálito amargo de whisky barato.

Sem que pudesse – ou quisesse – evitar, lágrimas misturaram-se ao suor viscoso e gelado que insistia em encharcar o seu rosto. Quanto mais abraçava aquela menina, mais se sentia só. Não sabia o que fazer, e mesmo que soubesse, não tinha forças para tanto. Não tinha família, perdera os amigos, o emprego, a auto-estima. Desde a morte de Daniela, há seis meses, vivia apenas pela simples consequência de estar vivo.

Amanheceu sozinho, nu, deitado em posição fetal, como quem busca na inconsciência do sono a fuga para alguma proteção divina. Demorou apenas alguns segundos para que a realidade o fizesse estremecer novamente. Esbarrou o braço em sua carteira, jogada ao seu lado na cama, vazia e completamente revirada. Suspirou sem se

importar muito e voltou a olhar para o ventilador de teto. Nada mais importava. Tudo o que podia sentir agora era saudade.

Caminhava pelas ruas centrais de São Paulo indiferente à multidão que o cercava. Não se alimentara desde a manhã anterior, já esquecera da última vez que sentira fome. Ex-corretor da bolsa de valores, tentava em vão conseguir uma recolocação profissional. Era inteligente e possuía instrução superior, mas ninguém empregaria um homem com aquela aparência. Não com aquele visgo sombrio nos olhos.

A noite já começava a dominar o céu cinzento que pairava sobre a capital paulista quando Pedro enfiou a mão no bolso da calça e sacou dois comprimidos de *Prozac*, engolindo-os a seco. Pensou por um momento na improdutividade do seu dia. Quatro entrevistas de emprego, quatro respostas negativas. Sentou-se nas escadarias do prédio da Gazeta, na Avenida Paulista, e ficou observando as pessoas que circulavam ensimesmadas em seus próprios problemas. Esperaria o antidepressivo agir no seu organismo e fornecer-lhe coragem suficiente para caminhar até o hotel barato onde estava hospedado, já que perdera a sua casa por não poder arcar com o aluguel.

Após divagar por horas a fio, inundando a mente com recordações do seu casamento, uma dolorosa dormência nas pernas o trouxe de volta ao tempo presente. Olhou de soslaio para o relógio, já passava das onze da noite. Levantou-se com certa dificuldade e tomou o rumo contrário ao do seu hotel, caminhando lentamente enquanto alguns transeuntes corriam para se abrigar da chuva que começava a cair. Seu destino era o cemitério da Consolação, poucos quilômetros à frente. Estava decidido. Iria encontrar Daniela.

O cemitério obviamente já estava fechado, mas a forte tempestade que assolava a cidade fez com que quase ninguém notasse aquele vulto escalando o austero portão enegrecido pela ação do tempo, deixando-se por consequência cair pesadamente do lado interno através de um dos seus diversos acessos laterais.

A escuridão tornava quase impossível a localização de um túmulo naquela imensidão de lápides, jazigos e pequenas capelas, mas Pedro sabia instintivamente qual caminho seguir. E assim o fez, com o coração pulsando no estômago a cada passo que dava em direção ao seu amor.

Enquanto caminhava era observado em silêncio por toda espécie de santos, gárgulas e anjos, guardiões fiéis de sepulturas às vezes centenárias das famílias paulistanas. Uma imagem em especial chamou sua atenção. Maria, mãe de Cristo, expressava dor e piedade, segurando o Filho morto em seus braços. Com o clarão de um relâmpago, apenas por um instante, Pedro teve a impressão de ver àqueles olhos inertes de bronze vertendo lágrimas de sangue. Indiferente, recomeçou a caminhar rumo ao seu objetivo.

A visão do túmulo onde Daniela estava sepultada fez com que seu sangue congelasse momentaneamente dentro das veias. O jazigo abrigava seis corpos, três de cada lado, dispostos em gavetas sobrepostas cimentadas com uma fina placa de concreto em toda sua lateral, selando-os para toda a eternidade. Um estreito corredor de um metro e meio de altura permitia ao coveiro exercer a sua função. Guardando os corpos, um pequeno portão de ferro, quase totalmente corroído pela ação do tempo. Daniela estava sepultada na quarta gaveta, na parte superior direita do jazigo.

Impulsionado pelo gigantesco remorso que o consumia, chutou com violência o pequeno portão até que ele cedesse aos seus pés.

– Me perdoa, Daniela... Perdoa-me, meu amor... – Gemia, aos prantos.

Arrancou com as próprias mãos uma das barras enferrujadas do portão, ferindo-se com um corte profundo no antebraço direito. Não sentiu dor alguma, sequer notou o sangue que agora inundava a manga do seu paletó. Pulou para dentro do estreito corredor, onde a chuva não mais o atingiria.

O cheiro quente e azedo do mofo que levantou do chão quando seus pés o tocaram quase o impossibilitou de respirar naquele ambiente, mas Pedro não se importou. Alguns ratos que estavam abrigados sobre a primeira gaveta fugiram rapidamente para fora do jazigo, assustados. A chuva aumentara de intensidade.

Pedro permaneceu ali, curvado, com o rosto colado na tênue placa de concreto que o separava de seu amor. Gritava e chorava desesperadamente enquanto a golpeava de forma insana com o pedaço de ferro, destruindo-a na mesma proporção em que a salpicava com seu próprio sangue:

– Daniela! Daniela! Eu estou aqui, meu amor... vim te ver! Perdoame... Não posso mais viver com a lembrança daquela noite... – gritava, soluçando – Tudo era perfeito... nós dois brincando no carro, felizes, fazendo planos... eu havia bebido demais na festa... não vi o caminhão... juro que não vi... desculpe, meu amor... eu te matei, meu Deus... ai meu Deus, eu te matei!!!!

O concreto finalmente cedeu em um pequeno buraco disforme. Pedro apressou-se em destruí-lo ainda mais e, enlouquecido, só parou as investidas quando conseguiu abrir um rombo que julgou suficientemente grande. Ofegante, enfiou uma das mãos e tocou a lateral do caixão, na altura da cabeça de Daniela. Um cheiro putrefato invadiu suas narinas, fazendo com que vomitasse no chão do corredor. Mesmo assim, firmou novamente o pedaço de ferro na mão, enquanto olhava resignado para a madeira negra do caixão.

– Só mais um minuto, meu amor... Só mais um minuto.

Apenas dois ou três baques secos com o ferro foram suficientes para abrir um rombo na lateral do caixão. O cheiro tornou-se ainda mais terrível e Pedro voltou a vomitar, caindo de joelhos no chão. Tremendo compulsivamente, sujo de sangue, suor e vômito, ergueu-se com dificuldade e olhou pelo buraco que acabara de abrir. Conseguiu apenas distinguir um vulto, quando sua vista acostumou-

se à escuridão. Lá estava, seis meses depois, o seu amor novamente ao alcance do toque dos seus dedos.

Sem pensar duas vezes, enfiou vagarosamente a mão no caixão, encontrando os longos cabelos de Daniela:

– Daniela... meu amor... vou te fazer carinhos, não vou mais te abandonar... nunca mais... perdoa-me... – murmurava entre soluços, tomado por uma estranha sensação de paz interior, acariciando delicadamente os cabelos da sua amada. Quando finalmente roçou com os dedos o rosto de Daniela, já em avançado estado de decomposição, sentiu centenas de vermes caminharem entre seus dedos, acostumando-se gradativamente à sua presença ali.

Acordou sobressaltado, confuso, com o coração disparado. Não enxergava nada, apenas ouvia o ruído contínuo do ventilador de teto. Sentiu que estava suando frio, apesar do calor sufocante, quase insuportável. Não conseguia pensar em nada, apenas tremia sem controle. Sentia-se estranho, com os músculos rijos, presos. Olhou para o relógio de cabeceira. 3:48 da manhã. Na cama, ao seu lado, distinguiu um vulto adormecido. Começou a se acalmar à medida que se lembrava da noite anterior. O bar, a bebedeira, a prostituta, o quarto do hotel. Sentiu-se profundamente aliviado com a familiaridade do ambiente. Suspirando, abraçou-a como uma criança que procura a segurança dos braços da mãe.

Subitamente o quarto foi tomado por um cheiro insuportável de carne apodrecida. Sentira a jovem morbidamente gelada, desfalecendo em seus braços. Pedro arrepiou-se por inteiro, e num espasmo involuntário tocou com o pé um pedaço de ferro enferrujado, ao seu lado na cama. Sentou-se e, tremendo muito, bateu o ar até conseguir alcançar o interruptor do abajur.

Desesperado, viu que estava vestindo paletó e que seu antebraço sangrava muito. Não teve mais coragem de olhar para o lado. Permaneceu ali, aterrorizado, com olhos e dentes cerrados, enquanto sentia o colchão balançar lentamente, como se a jovem se

movimentasse sobre ele. Após alguns instantes que pareceram eternos, sentiu longas mechas de cabelos caírem sobre o seu pescoço, enquanto uma voz rouca, gélida e intimamente conhecida murmurava em seu ouvido:

- Eu te perdôo, Pedro.

O ESCOLHIDO

“Rotação é o movimento que a terra faz sob o seu próprio eixo. Translação é o movimento que a terra faz ao redor do Sol”. Por mais estranho que possa parecer foi este o pensamento que iluminou a mente daquele homem ao observar a brilhante moeda girando no ar até cair em seu já surrado chapéu, contrastando com a alva neve que anunciava a chegada de mais um rigoroso inverno inglês. Deprimido, James Faccuo até admitia que não havia sido boa pessoa, mas não conseguia aceitar de maneira alguma o fato de que, após ter vivido sempre com dinheiro de sobra, chegasse à humilhante situação de ter de esmolar pelas ruas para conseguir comer.

Proveniente de uma abastada família londrina, sempre viveu às custas do pai – um grande industrial – que colocou à sua disposição os melhores colégios, as melhores roupas, enfim, o melhor de tudo que o dinheiro poderia comprar. Agora percebia na pele que não soubera dar valor à vida que teve. Menino mimado, de caráter duvidoso, bastava ver uma criança maltrapilha na rua para demonstrar para a infeliz o quanto ele tinha dinheiro, ostentando as luxuosas roupas que vestia. Vivia gozando, no colégio, os meninos que não tinham os brinquedos caros que ele tinha. Caso notasse um defeito físico em outra pessoa gargalhava muito, apontando, para quem quisesse ver, a mácula do seu semelhante. Infelizmente, a rígida educação à que foi submetido não o ensinou a ser uma criança de bom coração. A rebeldia natural da adolescência intensificou a crueldade dos seus atos, tornando-o uma pessoa insuportável, isolada de tudo e de todos.

Faccuo nunca teve amigos. Apenas os que se interessavam pelos seus brinquedos ou pelo seu dinheiro. Não soube aproveitar o amor dos seus familiares, nunca deu um abraço sincero em seus pais ou disse o quanto os amava. Agora, mesmo tendo apenas vinte e cinco anos de idade, sentia que era tarde demais. Outra moeda arremessada. Faccuo já não pensava em astronomia, mas em

suicídio. O arrependimento era muito mais forte do que poderia suportar.

Perambulava sem rumo pelas ruas já há dois meses. Perdera a mansão onde morava, pois seu pai a havia hipotecado em uma tentativa desesperada de salvar a indústria da família – a Faccuo Confeções – quase totalmente destruída por um incêndio criminoso alguns anos atrás. Há três anos não conseguia arrumar qualquer espécie de emprego, apesar de sua formação secundária. Nunca quis cursar uma universidade, embora tivesse à sua escolha as melhores do país.

Não conseguira abrigo com nenhum parente – a velha história do “olho por olho, dente por dente” – e os poucos “amigos” a quem recorreu simplesmente lhe fecharam a porta na cara. Mais uma moeda. Talvez já desse para um sanduíche de queijo. Sentia-se quase feliz por seus pais não estarem mais vivos para presenciar tal cena. Com o final da Segunda Guerra Mundial os negócios da família faliram por completo, levando consigo a saúde de seu pai, que lutara incansavelmente na tentativa de reverter tal situação. Morreu quando Faccuo contava com 20 anos. Aos 21 morreu sua mãe, desamparada, naquela que foi a maior dor da vida de Faccuo, que não tinha dinheiro para lhe comprar remédios.

Quando já ia contar o dinheiro para ver se podia fazer aquela que, estava decidido, seria sua última refeição, Faccuo percebeu cair em seu chapéu, no meio das poucas moedas que conseguira, um papel dobrado. Olhou ao redor e deduziu que um grande homem – de talvez dois metros de altura – vestido com um discreto sobretudo preto era o único que poderia tê-lo jogado. Curioso, leu-o. “*Rua Apegan, 534. 25/12/51. uma e dez*”. Não entendeu nada. Pensou ser talvez o endereço de um albergue, mas conhecia a rua e sabia que, por ser de caráter estritamente residencial, não seria instalado tal estabelecimento. Olhou a data. Faltavam ainda dois dias para o Natal. Voltou o olhar para a direção em que aquele homem caminhava ainda a pouco, a fim de perguntar-lhe o que significava aquilo, mas não o viu mais. Sem pensar mais no assunto – ao

primeiro sinal de ronco que veio do seu estômago vazio – dobrou o papel e colocou-o no bolso da calça, tratando de cuidar de coisas mais importantes.

Caminhava cabisbaixo pela rua sem se incomodar com a neve úmida que lhe cobria o rosto, fazendo seus dentes tilintarem de frio. Seguiu em direção à mercearia – suja, mas barata – para comprar uma média que pudesse forrar o seu estômago até a manhã seguinte, a última da sua vida. Devorou o pão com manteiga mergulhando-o no copo de café quente, para que inchasse como uma esponja e saciasse sua fome por mais tempo. Voltou ao beco onde costumava dormir ao relento, coberto por alguns pedaços de papelão industrial que recolhia nos lixos das fábricas. Adormeceu enquanto as lágrimas lhe escorriam pela face, motivadas pela lembrança dos bons tempos em que tinha uma cama quente e uma família que o amava. Faccuo sentia que tinha deixado a felicidade escorrer pelo vão dos dedos da sua mão. Dizem que arrependimento mata. E mata mesmo, na forma de suicídio.

“Anda logo com esta carga, John, ou jamais chegaremos à loja no horário, e o dono vai comer nossos fígados na ceia de Natal! Sai daí mendigo, ou vai acabar sendo pisado!”. Sob os berros dos carregadores Faccuo despertou e, como sempre acontecia, demorou alguns segundos para que se inteirasse da real situação em que se encontrava. Dominado por um arrepio gélido que lhe percorria desde a boca do estômago até o alto da nuca, desejou novamente ter morrido durante o sono, o que o livraria do pesadelo de viver mais um dia de agonia. Seu estômago já reclamava por comida, mas sabia que só poderia ingerir algum alimento após depender da boa vontade dos seus semelhantes, que passeavam alegres pela chegada da véspera do Natal. Sentou-se em seu lugar costumeiro, colocou o chapéu na neve e simplesmente aguardou que alguma alma caridosa olhasse pela sua situação desesperadora.

Após duas ou três horas – mais rápido do que de costume – já tinha o suficiente para o almoço. Devia ser porque era véspera de Natal. As pessoas ficam mais caridosas nessa época, talvez uma defesa

inconsciente para suprir a culpa do que não fizeram durante o ano. Foi à mercearia em busca de alimento com a mesma convicção de um dependente em busca do vício. Comer era o único prazer – e o mais forte objetivo – que ele tinha na vida.

Mal começou a caminhar e ouviu claramente às suas costas um murmúrio meigo e cansado de uma criança, apesar de todo o barulho da rua lotada naquele momento. “*Rua Aphegan, 534. Por Favor...*”. Sentiu seu sangue congelando dentro das veias ao virar para trás e não ver criança alguma. Aquela voz lhe soou como uma súplica. “Devo estar ficando louco”, pensou assustado. Retirou o bilhete do bolso da calça e conferiu o endereço. Era o mesmo. Mas nada mais importava. Estava prestes a acabar com tudo. Não era agora que ia se importar com estranhas coincidências. Deu de ombros e caminhou lentamente para a mercearia.

Após a refeição Faccuo vagava pensando o quanto aquele almoço tinha sido mais agradável – tanto material como espiritualmente – do que nas últimas semanas, graças ao espírito Natalino do dono da mercearia, que lhe ofereceu um almoço “de verdade”, com pão, carne, arroz, e ovos. E o que é melhor, não cobrou nada, apertou-lhe a mão e desejou-lhe feliz Natal. Era o primeiro sinal de respeito desde que ele estava nas ruas. “Apertar a mão de um mendigo...”, pensou. Faccuo corou, pois jamais, em tempo algum de sua vida, sequer olhou para um mendigo como se fosse um ser humano.

Ajoelhou-se na neve, jogou o chapéu no chão e pediu perdão por tudo, chorando envergonhado. Acabou adormecendo. Quando recobrou os sentidos, percebeu que boa parte de seu corpo estava coberta por uma fina camada de neve. Não havia se enrolado nos papelões. De súbito olhou ao redor e percebeu que lhe haviam roubado o chapéu. Ergueu-se com dificuldade e constatou que já era tarde da noite, pois estava com muita fome. Verificou que as moedas economizadas no almoço ainda estavam nos bolsos, então iria para a mercearia a fim de comer alguma coisa.

Faccuo passou por uma rua residencial e somente neste momento lembrou-se que era véspera de Natal. Parou por alguns segundos sob a neve que caía, olhando para a janela de uma casa onde as pessoas confraternizavam. Risos, festa, alegria. Ao fundo podia ouvir vozes cantando *Jingle Bells* num coro que irradiava amor aos quatro cantos. Alguns metros à frente alguém jogou de alguma janela uma garrafa de vinho vazia que se quebrou ao chocar-se com o chão. Faccuo caminhou até a garrafa e, após hesitar por alguns instantes, pegou um afiado caco de vidro. Suspirou e retomou o rumo da mercearia.

Ao longe Faccuo pode observar, com crescente desespero, que a porta da mercearia estava fechada. Era óbvio que o dono devia estar comemorando o Natal com a família. Correu até a porta, pois percebeu que um cartaz estava pregado na mesma. Quando chegou, Faccuo deixou cair das mãos as poucas moedas que carregava. “Abriremos no dia vinte e seis. Obrigado”. Fome. Um breve momento de desespero. Quando abaixou para pegar as moedas viu que, aos seus pés, estava escrito recentemente na neve: “*Rua Aphegan, 534. Vá logo...*”. Olhou ao redor. Nada. Olhou para o relógio da rua. Passava da meia noite. Já era dia 25. Abriu novamente o bilhete que havia guardado no bolso. “Falta pouco tempo”, pensou. “Vou dar cabo de tudo na rua Aphegan. Esta deve ser a minha sina”.

Chegou à rua Aphegan por volta de uma da madrugada. Procurou pelo número do bilhete. A casa em questão estava do outro lado da rua, poucos metros à sua esquerda. Crianças bem agasalhadas brincavam com bolas de neve próximas ao portão da casa. Deviam residir nela. Atravessou a rua e caminhou lentamente em direção a casa, enquanto a observava mais detalhadamente. Um vento frio, misturado com a neve, cortava a sua pele como uma navalha. De vez em quando um ou outro automóvel passava cruzando a rua rapidamente.

Era um sobrado velho, em estilo colonial, de esquina com outra rua residencial, a Arnold Lane. Estava iluminado apenas pela luz tremulante de velas, proporcionando um contorno sombrio às

silhuetas projetadas nas cortinas de suas grandes janelas. Enfeites de Natal adornavam a sua fachada. Podia ouvir gargalhadas vindas lá de dentro, mas nada que lhe chamasse a atenção em especial. Retirou o bilhete do bolso e o conferiu novamente. “Afinal de contas”, pensou, “o que significa tudo isso?”. Talvez fosse somente coincidência. Não. A voz lamuriosa daquela criança ele não podia esquecer. Colocou novamente o bilhete no bolso, e, sem querer, cortou o dedo com o caco de vidro que ali estava. Lembrou-se que havia coisas mais importantes a fazer. Perguntou as horas para um transeunte que passava, bêbado pelas comemorações Natalinas. Uma e oito.

Retirou o vidro do bolso, encostou-se em uma árvore defronte a casa e pensou: “Espero mais dois minutos. Se nada acontecer, corto os pulsos aqui mesmo. Não tenho nada a perder.” A fome o curvava de tanta dor no estômago. Era estranho, pois havia almoçado como a muito não almoçava. Um carro dobrou a esquina no início da rua, vindo em alta velocidade. “Idiota...”, pensou, “...correr dessa maneira com a pista tão escorregadia”. Olhou novamente para as crianças. Eram jovens, deviam ter no máximo dez anos de idade. Lembrou-se dos seus dez anos. Suspirou. O carro vinha silenciosamente, pois o contato com a neve absorvia o barulho dos pneus. Podia divisar quatro ocupantes dentro daquele Ford preto. Olhou novamente para as crianças. Uma delas, com a intenção de pegar a bola de neve que lhe foi arremessada, correu instintivamente para o meio da rua. Desesperado, notou que o carro, desgovernado, já bem próximo da criança, tentava frear mas derrapava, graças à fina camada de gelo que se formara sobre o asfalto. Uma buzina estridente cortou o ar, pois o motorista vira a criança, que não teve a mesma sorte. Num impulso vindo do fundo do seu íntimo, Faccuo correu para a rua e, num pulo, empurrou a criança para a beira da calçada. Sentiu um forte baque ao longo do seu corpo. Perdeu a consciência.

Com o tempo, recobrou os sentidos. Ergueu a cabeça e olhou ao redor. Não sentia nenhuma dor. Muitas pessoas o observavam. Algumas com indiferença, outras com espanto. Estranhou o fato de ninguém tentar lhe ajudar a levantar. Com o canto dos olhos, viu a

criança que acabara de salvar da morte, chorando nos braços da mãe, que a beijava e a repreendia ao mesmo tempo. Sentiu-se feliz.

Uma mão finalmente se estendeu para ajudá-lo a levantar. Ele reconheceu aquela mão. Uma sensação inexplicável percorreu todo o seu íntimo. Olhou vagarosamente para a pessoa que lhe oferecia ajuda. Era seu pai, que o observava com um olhar de serena bondade. Apoiou-se na mão quente de seu pai e levantou num pulo. Logo atrás dele, para sua surpresa, estavam sua mãe e seus avós. Abraçou a todos com lágrimas nos olhos. “Como é possível?”, murmurou. Mas, em um instantâneo lampejo de compreensão, percebeu tudo. Virou-se rapidamente e viu seu próprio corpo, inanimado, banhado numa poça de sangue que inundava a neve ao redor, enquanto um policial trazia um lençol branco para cobri-lo.

O dono do carro estava sentado no capô do mesmo, chorando desconsolado, com as mãos cobrindo o rosto. Os outros ocupantes do carro tentavam confortá-lo, inutilmente. Teve pena daquele homem. Caminhou até ele e colocou a mão no seu ombro. “Não chore, eu estou bem...”. Nenhuma reação. Olhou para seu pai, que o observava tranqüilamente. “Ele não pode vê-lo, filho”. Faccuo assentiu. Caminhou até os seus familiares e, chorando muito, pediu perdão. Ninguém disse uma palavra sequer mas ele sentiu, no seu íntimo e na sua consciência, que havia sido perdoado. Uma onda de alívio percorreu sua alma. “Para onde vamos agora?”, perguntou à sua mãe, que apresentava uma excelente aparência. “Vamos ao encontro do Grande Pai. Você ainda vai ter que trabalhar muito pelos seus semelhantes, filho.”

Quando já estavam saindo do local do acidente outra mão tocou o ombro de Faccuo. Virou-se e um velho senhor, alto, de boa aparência, vestindo roupas simples, o olhava nos olhos com carinho. “Vim aqui para lhe agradecer”. Faccuo nada entendeu. “O senhor, graças a sua boa ação, acabou de salvar a vida de muitas pessoas, não só a daquela criança. Foi necessária a sua passagem por dois estágios na vida para que pudesse distinguir, de maneira justa, o certo do errado no fundo do seu coração. Daí as facilidades da sua infância e o sofrimento dos últimos tempos. O senhor se arrependeu,

e isso foi um bom sinal para que pudesse ser o escolhido. Se tivesse cometido suicídio, tudo estaria perdido. Mas não. Tomou a decisão certa e agiu com bondade quando foi realmente necessário. Dois antes do senhor falharam nestas mesmas circunstâncias”. “Mas”, indagou Faccuo, “Quem é o senhor?”. O velho, que parecia já esperar por esta pergunta, respondeu: “Eu sou o avô da criança que o senhor acabou de salvar. Fui eu quem colocou o bilhete no seu chapéu, era minha a voz que você ouviu, fui eu quem escreveu na neve, na frente da mercearia. Foi a maneira que eu encontrei para alertá-lo. As forças negativas o tentavam para o suicídio, mas a sua bondade e o seu arrependimento fizeram com que o senhor optasse pela decisão correta”. Faccuo ouviu tudo com atenção e, depois de refletir, perguntou: “Mas por que razão eu salvei muitas vidas, se foi só seu neto que eu acabei de livrar da morte?”. O velho sorriu para ele, pois esperava por esta pergunta também. “Aquela criança que você acaba de salvar”, respondeu com orgulho, “será um grande cientista. O homem que livrará a humanidade de uma doença terrível que a afligirá no futuro”. O velho então abraçou Faccuo com ternura, murmurou um agradecimento e pôs-se a caminhar lentamente pela rua. Faccuo comentou qualquer coisa com seu pai e quando olhou novamente notou que às costas daquele velho crescia um imenso par de asas, tão brancas como a própria neve, como dessas que se vê nas pinturas dos vitrais das igrejas.

Horas depois do ocorrido, dentro do casarão de número 534, as pessoas estavam reunidas comentando sobre os bons momentos desfrutados com a família em Natais passados, além da saudade gostosa dos entes queridos que já não faziam mais parte deste mundo. Os mais velhos sentavam-se em grandes e confortáveis poltronas, num círculo que se fechava por completo na sala. Os mais jovens, já vestindo pijamas, brincavam felizes com seus presentes próximos à árvore de Natal, sob a confortante proteção da família.

Tob, o caçula da família, observava a árvore de Natal com o encantamento natural dos pequeninos que descobrem o mundo, enquanto brincava com um chocalho colorido que havia ganhado de presente. De repente seus olhos brilharam e, num pulo, acordou a

avó que cochilava sob o calor aconchegante da lareira, embalada pelos sonhos de sua juventude.

“Vovó, vovó, eu vi um sino da árvore tocar sozinho! Eu juro!”. A avó, serena, passou carinhosamente sua mão quente e macia entre os cabelos sedosos da criança e disse com a ternura e sabedoria característica dos mais velhos: “É porque algum anjo acaba de ganhar seu par de asas, meu querido...”

UMA HISTÓRIA ESTRANHA

Os olhos de Hunt McMatter chegaram a queimar de dor quando ele finalmente lembrou-se de piscar, depois de inconscientemente mantê-los por um longo período de tempo vidrados perscrutando o horizonte gélido com o binóculo alemão herdado do seu avô. Deitado entre os arbustos congelados enfrentava o maior desafio da sua vida, desde que o seu avô padecera anos antes em uma caçada semelhante: Abater um urso negro que possuía uma mancha branca em forma de cruz bem no centro do peito.

Esse animal já passara a ser até uma lenda na região. Poucos caçadores chegaram a vê-lo frente a frente, mas nunca nenhum conseguiu matá-lo, sequer feri-lo. Contam os mais velhos que as pessoas que chegaram a vê-lo nunca mais foram as mesmas. Chegou-se até a falar em maldição quando o avô de Hunt foi encontrado morto, congelado junto à sua espingarda e sem as pernas, recostado em uma enorme árvore na montanha. Era o nono caso fatal em apenas dez anos e todas as vítimas, sem exceção, perseguiram o tal urso com a cruz branca. Diziam que o animal incorporava o filho do demônio.

Um galho estalou em uma árvore próxima, graças ao peso do acúmulo da neve, fazendo com que Hunt saísse do torpor de pensamentos em que se encontrava e voltasse a observar ao seu redor com toda a astúcia nata dos caçadores. A alva neve que cobria o terreno uniforme refletia em muito a luz do luar, permitindo uma visibilidade excelente, apesar dos finos flocos que insistiam em cair.

Depois de algum tempo os olhos atentos de Hunt já começavam a pesar. Seus pensamentos já não eram tão precisos. Havia perdido completamente a noção de quanto tempo estava deitado naquele local ou há quanto estava acordado. Perdera seu relógio de pulso enquanto bebia água através de um buraco que fez na superfície do riacho congelado, dias antes. A caçada solitária já se estendia por mais de vinte dias, mas Hunt estava decidido a não voltar para casa

sem a cabeça daquele urso como troféu. Devia isso ao seu avô e a seu pai, sem mencionar o fato que passaria a ser o caçador mais respeitado da aldeia. O frio era intenso e começava a congelar a ponta dos dedos dos seus pés, apesar das grossas botas revestidas de pele que estava usando.

Em um dado momento, quando já quase não suportava o sono, Hunt percebeu um ruído bem discreto e longínquo, uma espécie de crepitar. Depois de alguns dias nas inóspitas montanhas, o menor ruído passa a ser perceptível pelos ouvidos já acostumados ao silêncio. Virou o tronco lentamente e apontou o binóculo para o local, tentando ajustar o foco da melhor forma possível. Imediatamente seu coração pulou no peito, bombeando o sangue que estava praticamente congelado nas veias e que voltou a percorrer rapidamente todos os membros do seu corpo, elevando sua temperatura interna e fazendo-o suar, apesar do frio intenso. Caminhando tranquilamente pela neve, lá estava ele, a cerca de oitenta metros do seu ombro esquerdo. O urso da cruz branca. Instintivamente Hunt sabia que se tratava daquele animal, não de um outro urso qualquer, mas só teve a certeza absoluta quando ele levantou a cabeça, erguendo as orelhas, presentindo algo de estranho no ar, depois ficando de pé majestosamente, elevando-se a mais de dois metros de altura.

Hunt pegou silenciosamente a espingarda que estava ao seu lado, apoiou-se nos cotovelos, ajustou a mira para o coração do animal e engatilhou a arma, usando a cruz branca como referência para o tiro fatal. Em apenas uma fração de segundos o urso, que procurava comida revolvendo a neve com as patas, ergueu a cabeça e olhou diretamente para o caçador. Hunt estremeceu, pois teve a sensação clara que ele o olhava diretamente nos olhos, apesar da distância. Sentiu-se com medo, e sem esperar por mais nada, atirou.

Seus olhos cerraram instantaneamente devido ao dolorido solavanco da arma no ombro. Quando os abriu, o urso simplesmente não estava mais lá, havia desaparecido na neve. Hunt mal podia acreditar no que acabara de acontecer. Desperdiçara a única chance que teve, sabia

que o animal agora correria por quilômetros e que não o veria nunca mais. Não suportava pensar que o teve no centro da sua mira e deixou-o escapar. Levantou num pulo e olhou ao redor, tentando ainda visualizar a silhueta do animal correndo pela neve. Simplesmente o perdeu. Fracassou. Emanou involuntariamente um grito estridente de desespero, nascido no âmago da sua alma ferida para morrer no silêncio da majestosa montanha, que parecia desdenhar a sua dor. Caiu de joelhos na neve, lembrando-se da imagem do avô morto, congelado, com os olhos esbugalhados de dor procurando o infinito, ignorando o corpo físico do neto que chorava à sua frente. Lamentando o próprio fracasso, murmurou uma breve oração e deixou-se cair na neve, entregando-se à própria sorte. Adorreceu.

Despertou horas depois sentindo um peso estranho no peito, uma sensação inexplicável de conforto, de calor. Não ousou abrir os olhos. Lembrou-se de todo o ocorrido, deduziu que havia dormido, desejou ter morrido congelado durante o sono. Teve vontade de chorar. Pensava se valeria à pena levantar-se e continuar a vida carregando o pesado fardo do fracasso, quando sentiu uma massa áspera, úmida e quente esfregando o seu rosto com força. Assustado, mal podia acreditar no que via a centímetros do seu rosto: Grandes olhos negros, mirando-o fixamente. Alguns palmos abaixo, uma enorme cruz branca.

O urso estava parado ao seu lado, com a cabeça sobre o seu peito, e havia lambido o seu rosto. Sabia que aquilo não era possível, mas estava acontecendo. Ficou sem ação por alguns minutos que pareceram horas, apenas observando aquela cruz perfeitamente desenhada pela natureza. Nos olhos do urso viu a imagem do seu avô, depois a imagem da família de cada um dos caçadores que haviam morrido tentando abatê-lo. Estendeu a mão e tateou a neve até encontrar a sua arma, puxando-a lentamente para perto de si.

O urso permanecia ao seu lado, estático, observando-o. Hunt não entendia aquela reação do animal. Porque não o atacava? Teve todo o tempo do mundo para colocar uma nova bala na arma e engatilhá-

la, ainda que estivesse tremendo muito. Ajoelhou-se e apontou o cano para a cabeça do bicho, que instintivamente a abaixou, como que respeitando sua decisão. Encostou o dedo no gatilho, pensou em todas as glórias que teria ao levar aquele troféu para casa. Pensou em seu avô e em seu pai. Levou os olhos à mira da arma, que chegou até a desfocar pela pouca distância do alvo. Respirou fundo e tentou puxar o gatilho, mas simplesmente não conseguiu. Não enxergava mais aquele animal como inimigo, filho do demônio ou um troféu no centro da sala, ainda que sua mente o ordenasse a isso. Enxergou-o simplesmente como um ser vivo, criação de Deus. Não conseguiu atirar. Por um breve momento entendeu o significado da vida. Foi tomado por uma imensa paz interior, sentiu-se em estado de nirvana.

Abaixou a arma e colocou-a no chão. Levantou-se e caminhou até o animal, que o observava em silêncio. Passou a mão pela sua cabeça, como que brincando com um cachorro. O urso respondeu, lambendo seu braço. Hunt sorria, pois finalmente entendera o verdadeiro motivo que o levou às gélidas montanhas.

Chegando de volta à aldeia, dias depois, todos perguntaram o que havia acontecido, porque não havia trazido o seu troféu, conforme havia prometido aos quatro ventos. Hunt disse simplesmente que encontrara um troféu muito mais valioso do que o que havia ido procurar. Calou sobre todas as outras perguntas e a partir desse dia passou a ser visto como apenas mais um dos que enlouqueceram ao ver o filho do demônio. Louco, talvez. Feliz, certamente.

COVARDE CORAGEM

Tudo parecia tranqüilo naquela manhã de Fevereiro. Quinta-Feira de Carnaval, no centro de uma cidade como São Paulo, é tão incomum quanto uma roça fervilhando de automóveis ou um bordel cheio de senhoras virgens. Todos que podem fogem da rotina estressante da cidade tal qual o diabo foge da cruz, para cair na não menos estressante rotina do feriado prolongado. Pura ilusão.

Na Rua Maria Paula, no centro velho de São Paulo, os antigos e acinzentados prédios comerciais exibiam sua natural imponência enquanto as poucas pessoas que permaneciam na cidade – seja por falta de oportunidade ou por falta de dinheiro – fingiam que trabalhavam no seu interior. No íntimo invejavam as pombas que, indiferentes, limpavam as asas com os bicos, sentadas nos parapeitos das janelas. Ansiavam pela mesma liberdade de ir e vir, já que as suas próprias estavam castradas pela obrigação de sobreviver. Infelizmente para a grande maioria dos mortais – em especial para os que vivem em países subdesenvolvidos – trabalho é sinônimo de sobrevivência, de obrigação, e não de realização pessoal.

O movimento dos carros era bem inferior ao que costuma ser em um dia comum de semana. Transeuntes caminhavam em aparente tranqüilidade buscando seus interesses, carregando ainda nas costas o pesado fardo da ressaca das noites de Carnaval. Incólumes às obrigações e horários fixos, mendigos dividiam o seu tempo entre vasculhar o lixo das ruas em busca de algo que pudesse servir de alimento e esmolar pelas calçadas exibindo nauseantes feridas expostas, cultivadas ao longo dos anos como meio de subsistência. Este é o preço que se paga por viver em uma cidade grande. Convivem em forçada harmonia as mais ostensivas formas de riqueza – basta olhar os luxuosos edifícios da Avenida Paulista ou dos Jardins – até a mais Franciscana das misérias – mendigos, loucos, alcoólatras, drogados, crianças abandonadas e prostituídas que se espalham por todas as partes, esgueirando-se como ratos

através das praças, becos e vielas. Algo como Nova York e Bangladesh dividindo o mesmo quarteirão.

É horrível a sensação de impotência que sobe pela garganta de qualquer cidadão com pelo menos um pouco de senso de decência ao conviver com tal situação. Há apenas duas saídas possíveis. Engolir o fel e fingir que nada do que está acontecendo à sua volta é da sua conta, anestesiando-se com o tempo, ou cuspir tudo e tentar mudar de atitude perante a vida, a *sua* própria vida, fazendo o pouco que lhe cabe, mesmo tendo a triste consciência de que uma andorinha só não faz verão. Enfim, nada, exceto a incomum calma, quebrava a rotina que começava a se reestruturar, depois de quatro dias de descanso na cidade.

“Como é bonita a natureza... O quanto eu perdi em não percebê-la antes...” – Lamentou Eduardo, com amargura no coração, ao observar do terraço do edifício *Main Offices* – 20 andares acima do solo – as pequenas nuvens que enfeitavam o céu de brigadeiro naquela bela manhã. Se pudesse passaria horas apenas admirando a simplicidade daquele céu, vez ou outra maculada pela passagem de helicópteros comerciais que transportavam executivos para alguma reunião importante, esquecendo-se completamente das coisas *realmente* importantes da vida, como suas famílias, a quem com certeza dedicavam menos de um décimo do tempo do que dedicavam ao trabalho.

A covardia de Eduardo em temer enfrentar a vida contrastava com a absurda coragem de dar um fim a ela, tão comum aos suicidas. Nestes casos, a linha divisória entre os limites de coragem e covardia é tão tênue como são os limites entre a vida e a morte. Encostado no parapeito de pouco mais de um metro de altura, o corpo de Eduardo tendia a se inclinar naturalmente para frente, como se uma mão invisível o empurrasse pelas costas.

Embragado pela tontura natural que a adrenalina causa ao corpo quando em situação de risco, seu estômago estava embrulhado, seu coração disparado e as mãos geladas, mas uma absurda sensação

de paz interior conflitava com os sintomas que o corpo teimava em apresentar. Produto da fria consciência de uma mente que não agüenta mais o sofrimento cotidiano e deixa-se levar pela fantasia do que deveria ser a vida, em confronto com o que ela é na realidade, em seu mais profundo e simples sentido.

Poucas pessoas têm a capacidade de enxergar a vida tal qual ela realmente é, sem preconceitos, mágoas ou mesquinhas. As pessoas costumam a aprender – e na maioria das vezes sequer aprendem – que a vida, em última instância, não é boa nem má. Apenas deve ser vivida minuto a minuto, hora a hora, dia a dia, ano a ano, em busca de uma natural evolução espiritual.

“Dudu, seu moleque vagabundo! Pára de ficar olhando pra essas formigas feito um idiota e vai logo buscar a cachaça que eu mandei, antes que eu te dê uma surra! E é fiado, que depois a cadela da sua mãe paga...”. Estranho. Esta imagem – sublimada em algum lugar obscuro do seu cérebro – passou diante dos seus olhos enquanto observava o movimento contínuo dos carros, em fila indiana, vinte andares abaixo. Eduardo começou a chorar, tocado por uma ferida que não cicatrizava a mais de trinta anos. Sempre acontecia quando lembrava de sua mãe, mulher muito bondosa que sofrera horrores nas mãos do pai de Eduardo até o dia em que foi brutalmente assassinada em um momento em que o velho estava enlouquecido pelo álcool e pelas drogas. O dia mais triste da sua vida, aquele.

Chegara naquele final de manhã em casa ávido por mostrar com orgulho uma rara nota oito em matemática. Abriu a porta da sala com dificuldade, usando a mesma mão que segurava o boletim – quase amassando-o – já que a outra estava ocupada com a pesada mochila. “Mamãe! Mamãe...”. Estranhou o silêncio. Nada, nem mesmo a costureira panela de pressão que apitava freneticamente ao preparar o feijão sagrado de cada dia. Largou a mochila e correu para o quarto de seus pais. “Mamãe? Mam...”. Ao afastar a porta antes apenas encostada, estancou aterrorizado. Encontrara a mãe degolada na cama ao lado do pai, que dormia feito um porco como se nada tivesse acontecido.

Eduardo largou o boletim no chão, que logo se encharcou com um já malcheiroso sangue carmim espalhado assimetricamente em várias poças pelo assoalho, lembrando o estilo surrealista das pinturas de Salvador Dali. Com apenas oito anos de idade e em estado de choque, encolheu-se embaixo da cômoda ao lado da cama e ficou rezando com os olhos apertados de medo. De onde estava podia ver apenas o braço da mãe que jazia ao seu lado, pingando o sangue que ainda escorria pelos dedos. Ao acordar do porre algum tempo depois, seu pai retirou-o debaixo da cômoda e tentou matá-lo com uma facada nas costas, aos prantos. Em seguida, desesperado, cortou a própria jugular, caindo pesadamente sobre o frágil corpo de Eduardo, que lutava para respirar com dificuldade enquanto observava o próprio ferimento – na altura do ombro – jorrar sangue aos borbotões. Foi salvo por alguns vizinhos que estranharam o barulho e invadiram a casa. Ficou algum tempo no hospital, onde se recuperou depois de algumas semanas. Pelo menos do ferimento físico.

O barulho de uma freada seca, seguido por um baque metálico vindo de longe, tirou Eduardo do transe em que se encontrava. Olhou para baixo e notou dois motoristas descendo de seus respectivos carros e gesticulando fervorosamente um para o outro no meio da rua, que graças ao acidente começava a se congestionar aos poucos. “Idiotas...” – pensou.

Impressionado com um equilíbrio que achava não possuir, subiu no parapeito de apenas 30 cm de largura, respirou fundo, ergueu os braços em forma de cruz e olhou para o céu azul, enquanto sua mente era invadida por um imenso e reconfortante vazio. Um anestésico emocional, uma sensação parecida como a que sentia quando ouvia “*Comfortably Numb*”¹ em certos momentos difíceis de sua adolescência.

¹ *Comfortably Numb* é um clássico do grupo inglês de Rock Progressivo *Pink Floyd*, onde Syd Barret, compositor da música, descreve detalhadamente como se sentia sob efeito de drogas pesadas. Marco da década de sessenta, é uma música muito agradável de se ouvir graças à sua cadência lenta e ritmada.

Não demorou muito para que ouvisse o primeiro coro de “Pula! Pula! Pula!”, vinte andares abaixo. Um emaranhado de sentimentos contraditórios percorriam sua mente. Desprezo, humilhação, vergonha, alienação, piedade, medo, excitação... Sentiu-se enojado por pertencer à raça humana quando observou uma pequena multidão se formando no meio da rua, seguida por um malfeito cordão de policiais que isolavam a calçada do edifício. Ao lado, sobre o teto de suas peruas, cinegrafistas de três canais de TV o focalizavam com suas câmeras enquanto os respectivos repórteres comentavam o fato da forma mais sensacionalista possível. Eduardo esboçou um sorriso, admirado pela quantidade de pessoas que não tem nada melhor para fazer do que ficar parados olhando uma pessoa acabar com a própria vida.

“Pula! Pula! Pula!”. O coro – de uma crueldade infantil – era engrossado por mais e mais pessoas que se aglomeravam no local, agora já dividindo sua atenção entre olhar para o topo do edifício e pular na frente das câmeras de TV feito macacos de circo. Alheios a tudo e a todos, os motoristas dos carros batidos continuavam discutindo, ignorando por completo toda a algazarra que acontecia ao seu redor. Eduardo esgarçou profundamente e cuspiu com raiva, numa atitude simbólica de desagrado. Cerrou os olhos, respirou profundamente, pediu perdão ao Criador pela sua covardia, pensou mais uma vez no rosto de sua mãe e pulou.

Suicidou-se em silêncio, respeitando a própria atitude. Tão logo Eduardo pulou a multidão gritou excitada, como romanos faziam ao verem os cristãos serem devorados pelos leões. A queda vertiginosa culminou com o corpo de Eduardo estourando no solo como um saco plástico cheio d’água, num baque surdo. Silêncio momentâneo. Ali jazia mais uma vítima das próprias fraquezas, remorsos e incertezas.

Aos poucos as pessoas começaram a se afastar, retornando aos seus afazeres diários. O show havia terminado. Todos deviam agora voltar para a dura realidade. Permaneceram no local apenas dois policiais aguardando o caminhão do IML para a remoção do corpo, além de um mendigo já idoso que conhecia Eduardo de vista, pois

morava na calçada do prédio em que ele trabalhava. Sob o olhar indiferente dos policiais este homem, num ato de bondade e respeito, levantou o lençol que cobria o corpo inerte de Eduardo e cerrou seus olhos esbugalhados com os dedos sujos. Ajoelhou-se, rezou uma “Ave Maria” – a única oração que conhecia – e depois se afastou lentamente, puxando a perna ferida, enquanto murmurava cabisbaixo: “Porquê? Porquê, Senhor, se ele tinha saúde, comida e uma cama para dormir... Porquê?”

ENRICO

– Enrico, traz pra mim a segunda e a terceira vias da nota da Blue Gold. São as vias rosa e amarela. Sandra, liga pra TPM e pede para eles retornarem com os documentos no máximo em até duas horas, por favor...

Mauro, um senhor idoso mas com vigoroso porte físico – apesar da calvície quase completa que denunciava os seus 60 anos – coçou a orelha esquerda recheada de pêlos grossos e começou a caminhar para a sua sala, mas voltou-se ao perceber um silêncio quase tétrico no ar...

– Enrico? Enrico!

Nada...

– Acorda, rapaz!!! Te pago pra ficar sonhando, por acaso? – esbravejou.

Num pulo, Enrico acordou assustado.

– Desculpa, seu Mauro... Já tô levando agora mesmo.

Menino desligado da vida era o Enrico. No alto dos seus 15 anos de idade, onde a fúria interior dos hormônios transforma qualquer adolescente em um vulcão em erupção, Enrico tinha preguiça até mesmo de sentir preguiça. Perdia-se em pensamentos 25 horas por dia, fantasiando devaneios sexuais onde a musa inspiradora era quase sempre Sandrinha, a nova secretária do chefe. Não era à toa que o banheiro do escritório vivia ocupado.

Sem desgrudar os olhos dos peitos da Sandrinha, Enrico separou as quatro vias da nota fiscal e pegou as duas que lhe interessavam, ao mesmo tempo em que jogava restos de remalina na gaveta semi-aberta. E a preguiça de esticar o braço pra jogar no cesto de lixo? Auxiliar de escritório folgado estava ali. A lei do mínimo esforço imperava na sua vida.

Enquanto levantava da cadeira pisou no cadarço desamarrado do seu tênis – quase caindo no meio da sala – o que atraiu a atenção da Sandrinha. Ela o olhou nos olhos, fato que imediatamente fez com

que desviasse os seus, corando de vergonha. O que aquele moleque tinha de atrapalhado tinha duas vezes mais de tímido. Sandrinha sorriu, jogou os cabelos para trás e voltou a procurar na agenda da Dona Marta, a antiga secretária, o telefone da TPM.

Quando Enrico passou pela mesa da Sandra ela bateu o braço – propositalmente – no porta-canetas, derrubando-o no chão. Sorriu para ele e curvou-se para pegá-lo, revelando por alguns instantes a generosidade de um decote que mal cobria o bico dos seios. Enrico estancou de imediato, quase perdendo o fôlego. Sandra, divertida, o provocou ainda mais:

– Será que você pode me ajudar a pegar essas canetas que eu deixei cair aqui no chão? – disse quase ronronando, com uma das canetas no canto da boca.

– Ccc-laro, Sandra... – respondeu, engasgando.

Sem pensar duas vezes e com uma agilidade que não era sua, ajoelhou-se e começou a tatear o carpete em vão, já que seus olhos não desgrudavam dos mamilos da moça, intumescidos ao notar o desejo latente do rapaz.

– Enrico...

– Oi... – respondeu, hipnotizado.

– Você já comeu alguma mulher? – Perguntou, sensualmente.

– Como é que é? – Gaguejou encabulado, sem acreditar no que tinha acabado de ouvir.

– Enrico, cacete!!! Cadê as notas, porra!!! – Berrou Mauro da sua sala, já perdendo completamente a paciência, quase a ponto de enfartar de raiva.

– Eu, Eu... – Sem pensar, Enrico levantou e saiu correndo, sem saber o que fazer.

– Depois a gente conversa com calma, gatinho... – murmurou Sandra, levantando com o porta-canetas na mão.

Sandra era uma garota deslumbrante, no auge dos seus 18 anos. Loira de pele bronzeada, alta, com olhos estonteantemente azuis e cabelos cacheados na altura dos ombros, exibia dentes brancos e perfeitos, tornando-se uma tarefa quase impossível não se apaixonar pelo seu sedutor sorriso de criança. Sabia como ninguém valorizar o corpo escultural, de fazer inveja a qualquer modelo de revista. Naquela manhã quente – véspera do carnaval carioca – vestia uma mini-blusa azul escura, larga, cavada e sem sutiã, combinando com uma calça *jeans* branca de cintura baixa que mal cobria os pelos pubianos.

Tudo bem, tudo bem... Os trajés que a Sandra costumava usar não eram lá muito adequados para a rotina de trabalho de um escritório de respeito. Nesse ponto, tudo mundo concordava, principalmente a esposa do seu Mauro, que não se conformava com essa situação. Acontece que o patrão era velho mas não era bobo, também queria tirar a sua casquinha. Imaginou que comer aquela menina seria fácil, julgando-a pelas roupas que usava. Já não bastava chegar em casa todas as noites e dar de cara como uma Dona Arlete gorda, peluda, suada e reclamona?

Embora Sandra tivesse se insinuado de forma muito sutil na entrevista, não costumava dar muitas brechas para o velho. Só quando fazia algo errado ou queria pedir alguma coisa. Então se debruçava na sua frente sobre a mesa, fazendo-o quase babar dentro do seu decote. Assim era Sandrinha. Manipulava os homens como marionetes, sabia usar o seu poder de sedução da forma mais baixa possível.

Ao voltar da sala do Sr. Mauro – que continuava reclamando – Enrico sequer teve coragem de olhar para os lados. Estava com medo daquela mulher. Sentou-se em sua mesa e começou a trabalhar compulsivamente. Sandra espreguiçou manhosamente e começou a caminhar na direção de Enrico, atravessando lentamente o pequeno

mas organizado escritório, tal qual uma modelo desfilando na passarela. O moleque suava frio. Sandra sorriu, apoiou os cotovelos na mesa à sua frente e olhou com o canto dos olhos para a sala do Sr. Mauro. A barra estava limpa, o velho tinha fechado a porta. Enrico carimbava mecanicamente um bloco de papéis, embora nem ele mesmo soubesse o que estava fazendo. Tentava disfarçar o barulho dos seus joelhos tremendo batendo cada vez mais forte com o carimbo no papel. Estava embriagado pelo suave perfume da pele de Sandra.

– Enrico...

– Ele vai acabar pegando você aqui... Por favor, eu preciso desse emprego, Sandra... – implorou, sem levantar os olhos da mesa.

– Enrico, olha pra mim... – insistiu ela.

Enrico levantou os olhos lentamente e fixou-os nos dela, quase se afogando naquela imensidão azul.

– Eu, Eu... – Tentou argumentar.

– Deixa comigo, eu ajeito tudo pra gente, tá bom? Só me diz uma coisa... Você me quer? – Segurou a mão do menino, que por sua vez segurava o carimbo, tremendo muito.

– Você é tudo que eu quero! – confessou, envergonhado.

– Então você vai ter... Antes mesmo do que você imagina!

– Sandra, dá pra você vir aqui, por favor? – ordenou Sr. Mauro, gritando da sua sala.

– Claro, seu Mauro... Só um segundinho! – Beijou rapidamente o rapaz nos lábios e foi ao encontro do chefe.

– Ai, meu Deus do céu... – gemeu Enrico quando Sandra fechou a porta, correndo para o banheiro do escritório.

- III -

– Tá bom, seu Mauro... Então o senhor me empresta a chave do escritório que eu venho trabalhar no sábado de manhã. Assim resolvo todas as pendências que estão em aberto, certo? – Disse Sandra

aparentando dedicação, parada na porta do chefe, com um dos pés ligeiramente levantado para trás.

– Assim é que eu gosto de ver, vestindo a camisa da empresa! Desse jeito você tem futuro aqui... – concluiu Mauro, satisfeito.

– Ah, seu Mauro, já ia esquecendo... O Enrico pode vir também pra me ajudar? – Perguntou, enquanto olhava para o menino.

– Ótima idéia, Sandra! Quem sabe você não dá um pouco de juízo pra esse menino?

– Pode ter certeza que vou dar, sim... – respondeu Sandra, olhando nos olhos assustados do moleque.

– Enrico, você vem no sábado – Obrigou Mauro, sem sequer olhar para o rapaz.

– Cc-claro, seu Mauro. Pode contar comigo – gaguejou Enrico, engolindo em seco. Olhou em seguida para Sandra, que piscou um olho para o rapaz.

- IV -

Enrico, ansioso, já esperava na porta do escritório a mais de uma hora. Preocupado, não dormira direito à noite. E olha que não dormir, para Enrico, podia ser considerado fato histórico. Mas dava para entender, pois não é todo dia que se perder a virgindade com a menina mais bonita do Leblon. Enrico mal podia acreditar. Nove e meia. Tinham marcado às oito. Estava quase desistindo quando finalmente chegou Sandra, vestida com uma curtíssima minissaia *jeans* e uma camiseta regata branca. Paralelo às alças da camiseta, Enrico podia ver outras alças, as de um biquíni azul escuro.

– Desculpa a demora, gatinho... É que o sol tava tão lindo que eu não resisti e dei uma passadinha na praia pra pegar umas ondas... Demorei muito? – Perguntou, enquanto tentava abrir a porta do escritório, que sempre emperrava na fechadura.

– Não, claro que não. Por você eu esperaria a vida inteira se fosse preciso, Sandra – elogiou.

– Que lindo, Enrico! Só podia ser mesmo um italianinho, pra ser tão romântico – agradeceu Sandra.

– Eco.

Riram os dois. Ela, por achar engraçadinho. Ele, para disfarçar o nervosismo. Fecharam a porta e ela foi logo enlaçando os seus braços no pescoço do menino.

– Sandra... Eu nunca... Você sabe... Eu...

– Não precisa dizer nada, gatinho. Vou te ensinar tudo, te fazer um homem de verdade. Vem cá...

Começou a beijá-lo delicadamente nos lábios e no pescoço enquanto tirava as suas roupas. Enrico tentava corresponder, mas tremia muito para tanto.

– Isso... Tira logo essa calça que quero te ter dentro de mim... Mas primeiro deixa colocar essa camisinha em você pra não dar merda depois. Ficou meio larga... Tudo bem, com jeitinho não escapa... Vem... Vem aprender com a Sandrinha...

Enrico livrou-se das poucas roupas que ainda lhe sobravam no corpo trêmulo e pueril, enquanto Sandra já se apresentava totalmente nua. Nem cinco minutos após terem entrado no escritório, já estavam transando. Mais dois minutos, tudo estava terminado. Enrico não conseguiu segurar por mais tempo, o que era até compreensível, tanto pela pouca idade quanto pela ansiedade que o envolvera nos últimos dias.

– E então, italianinho... Gostou? – perguntou Sandra, deitada ao seu lado no chão do escritório, pensativa.

– Eu nem sei o que dizer, Sandra... Acho que poderia morrer agora, de tanta felicidade! – agradeceu Enrico, olhando para as manchas no teto.

Após alguns minutos de silêncio, foi a vez dele perguntar:

– E você, Sandra, gostou? Fiz feio?

– Claro que eu gostei... Você foi maravilhoso... – mentiu, não querendo magoá-lo logo na sua primeira vez, ainda mais sabendo que aquela seria a última da sua vida.

– Meu Deus! Tão batendo na porta, Sandra! Será que é o seu Mauro? Agora eu perco o emprego de vez! – falou apavorado, atrapalhando-se para casar os botões que substituíam o zíper da calça, tomado pelo desespero.

Sandra levantou, nua, e para o espanto de Enrico caminhou até a porta e a abriu, sem sequer perguntar quem era.

– Oi, amor! Que demora, hein? Já tava começando a pensar que você ia dar pra trás... – Brincou Sandra, enquanto abraçava um homem negro, forte, fardado com a roupa da polícia militar carioca.

Enrico não entendeu nada. Até mesmo parou de se vestir, de tão abobalhado que ficou.

– Enrico, deixa eu te apresentar meu noivo, o cabo Armando. Vamos nos casar mês que vem – explicou Sandra, com o maior cinismo do mundo, enquanto o soldado olhava para ele, indiferente.

– É esse aí o fedelho? Ô, Sandra, vai dar até dó de gastar a bala... – ironizou Armando – E você podia pelo menos ter colocado uma roupa, porra!

– Mas, mas... Eu juro que não sabia... A Sandra é que... Ai, meu Deus do céu... – Enrico começou a se desesperar, já imaginando a fúria que um marido traído costuma sentir. Ainda mais um marido daquele tamanho.

– Cala a boca que a gente te explica, moleque! – retrucou Sandra, mudando completamente o tom amável de voz usado até então – E você, Armando, nunca ligou pra essas coisas de nudez, sempre foi super liberal. Vai começar com essas frescuras de ciúmes logo agora?

– Bom, como eu já te disse – continuou, voltando sua atenção novamente para o menino – o Armando e eu vamos nos casar no mês que vem, provavelmente em algum país da Europa. Começar vida nova, sabe como é? O Armando tá meio queimado por aqui com um esquema de propina, o Comando Vermelho tá ameaçando ele,

não tá dando mais pra ficar no Brasil. Eu vou tentar a carreira de modelo por lá, bonita pra isso eu sou. Só que tinha um probleminha que tava atrapalhando muito os nossos planos...

Enrico continuava calado, estupefato.

– A falta de dinheiro. Daí você estar aqui conosco hoje, participando do nosso esquema.

– Esquema? Que esquema? Eu não quero participar de nada! – retrucou Enrico, ainda sem entender – Não quero dinheiro nenhum!

– E nem vai ter – interveio Armando, irritado – O moleque é burro mesmo...

– Calma, amor! – apaziguou Sandra – Deixa eu explicar pra ele... Nós precisávamos de você pra conseguir entrar aqui e roubar o dinheiro sem deixar pistas – explicou ao menino.

– Olha só, Enrico – continuou – pra todos os efeitos, você veio aqui sozinho, hoje. Eu faltei porque fui à praia. É o meu álibi. Vários amigos me viram circulando por lá hoje cedo. Claro que eu vou ser despedida por causa disso, mas é isso mesmo o que eu quero – Sorriu, maliciosamente.

– Continuando com os detalhes... Você arrombou a porta, roubou o cofre, alguém ouviu e fez uma ligação anônima para a polícia. O Armando, que costuma patrulhar nessa região, veio ver o que estava acontecendo. Você reagiu, ele foi obrigado a te matar. Entendeu agora?

– Plano perfeito – assegurou Armando – Eu que bolei.

– Me matar?

– Isso.

– Reagir como, se nem arma eu tenho? – argumentou.

– Claro que tem! Toma, pega aí – Armando estendeu uma pistola calibre 38 para o menino que, apavorado, a apontou para os dois instantaneamente.

– Mas você é burro mesmo! Achou que eu ia te dar uma arma carregada? – Gritou Armando enquanto erguia Enrico pelo pescoço, com apenas uma das mãos.

– Pelo amor de Deus!!! Eu tenho que viver pra sustentar a minha mãe!!! – implorou.

– Problema seu. Ô Sandra, vamos resolver logo isso!!!

– Tá bom, tá bom... Atira logo nele e vamos abrir o cofre – respondeu Sandra, calmamente.

– Não!!! Pelo amor de Deus!!! Sandra???

– Já era, moleque... – sussurrou Armando, com o cano da arma enfiado na boca do menino – Pode pedir perdão pra Deus. Engatilhou a arma enquanto Sandra olhava indiferente para eles, como se não fizesse parte daquilo tudo.

– Peraí!!! Eu tenho direito a fazer um último pedido! Todo mundo tem...

– Que pedido que nada! Tá louco? Pensa que isso aqui é filme americano? – ironizou Armando.

– Deixa ele falar – disse Sandra, curiosa – não custa nada ouvir.

– Porra, Sandra! Desse jeito a gente não vai embora nunca, cacete! – resmungou Armando.

– O moleque tem só 15 anos, Armando. O que custa esperar um pouco mais? Diz aí, Enrico... O que você quer? – perguntou Sandra se aproximando do menino, retomando o tom de voz amável de antes.

Enrico mudou de fisionomia como quem coloca uma máscara em um baile de carnaval. Uma calma absurdamente estranha se apossou daquele rapaz de um momento para o outro. Era como se estivesse possuído por uma entidade qualquer.

– Quero você de novo. Agora.

- VI -

– Como é que é? – espantou-se Armando – Nem a pau!

– É o meu último desejo. Vocês me meteram nisso. Acho que é um direito meu morrer feliz – concluiu.

– Ai, caçamba... Será possível isso agora? O que você acha, Sandra?

– Armando deu de ombros e perguntou, admirado pela coragem do fedelho, vencido pelo cansaço.

– Por mim, tudo bem. É rapidinho, mesmo... – Sorriu para Enrico. Apesar das circunstâncias, Sandra gostava daquele italianinho que sempre se mostrou tímido e que agora se superava.

– Tá bom, tá bom, porra! Você tem quinze minutos, moleque! Depois, vai se encontrar com o capeta! – assentiu Armando, já caminhando para o cofre. Freqüentador de clubes de swing, não se importava de partilhar a mulher com outras pessoas.

– Não, cabo! Você fica pra assistir e aprender – falou com ar sério, decidido, como um verdadeiro homem.

Sandra soltou uma sonora gargalhada. Mal podia acreditar que tinha ouvido aquilo. O menino tinha enlouquecido de vez.

– Tudo bem, moleque... Vou entrar no seu joguinho. Garanto que não consegue dar três bombadas sem gozar feito uma bichinha – ironizou.

– Não consegue mesmo... Da outra vez eu nem senti entrar e ele já me lambuzou toda – concordou Sandra.

– Então vamos ver... – disse Enrico, confiante, já abrindo a braguilha da calça.

- VII -

Os flashes dos fotógrafos piscavam sem parar, atrapalhando o trabalho dos legistas que comentavam entre si os resultados do futebol da noite anterior.

– Afinal de contas, o que aconteceu por aqui? – Indagou o capitão da polícia enquanto engolia um gole de café amargo. Não tinha dormido à noite, ficara extorquindo prostitutas na orla de Ipanema para completar a renda do mês.

– Pelo que parece, este rapaz trabalhava aqui – respondeu o legista, levantando a cabeça baleada de Enrico para fazer um exame mais detalhado e estranhando de cara a falta de um chumaço de cabelos em uma parte não atingida pelos disparos.

– As evidências – continuou, relevando o fato – indicam que ele arrombou a porta durante a madrugada, talvez no começo da manhã. Deve ter sido flagrado por aquele soldado ali... – apontou sem olhar para o corpo do cabo Armando, estirado no chão com uma malcheirosa mancha de sangue brotando do seu peito – ...que o executou.

- Aliás – finalizou, satisfeito com suas deduções – ambos morreram praticamente ao mesmo tempo, em uma provável troca de tiros.
- Certo, até aí faz sentido – assentiu o capitão – mas e a grana que estava no cofre? Não estava com o moleque e nem com o policial. Será que eu peguei e esqueci de devolver? – perguntou, ironicamente desconfiado.
- Segundo o testemunho daquela moça, a primeira pessoa a entrar aqui hoje de manhã – explicou o investigador enquanto apontava para Sandra, que estava sendo consolada pelo Sr. Mauro em aparente estado de choque – houve uma troca de tiros entre o menino e o policial, que infelizmente veio a falecer no exercício da profissão. Ela disse que ouviu os disparos e que quando entrou os dois já agonizavam no chão, banhados em sangue. Coitada, cena horrível pra uma moça presenciar.
- Sei.
- Mas você não sabe do pior – sussurrou de forma bem discreta o investigador.
- Pior? O que é?
- Aqui entre nós. Achamos cocaína nos bolsos do policial.
- Cacete! Ainda isso... Alguém da imprensa ficou sabendo?
- Não. Eu mesmo encontrei os papelotes com a droga e esperei para comunicar ao senhor em primeiro lugar.
- Melhor assim. Guarda segredo e some com o material.
- Porque deveria?
- Porque tenho contatos que podem melhorar a sua carreira na polícia. Além disso, não quero a imagem da corporação mais manchada do que já está.
- Sendo assim... Ninguém saberá.
- Melhor mesmo. Já avisaram os parentes do policial?
- Ele não tinha, era sozinho no mundo. Parece que tinha uma namorada, mas nunca ninguém a viu com ele, então não tem como avisar.
- Mas e a grana, porra? Onde foi parar?
- Calma que eu ainda não acabei de explicar tudo – continuou o investigador, impaciente – Você já vai unir todas as peças do quebra-cabeça. Segundo o que a moça nos contou, um terceiro indivíduo, provavelmente comparsa do menino, entrou minutos depois do

tiroteio, apontou uma arma para ela e a obrigou abrir o cofre, fugindo em seguida com todo o dinheiro.

– E ela sabia a combinação?

– Sabia. O patrão nos disse que confia nela.

– Alguma pista deste elemento? Pegaram a descrição? Digitais?

– Digitais ele não deixou, ela nos disse que ele estava usando luvas e confirmamos a ausência de marcas no cofre. Mas ela nos deu uma boa descrição do sujeito, apesar de nem conseguir falar direito de tão nervosa que estava.

– Faz sentido. Mas e essa tal de Sandra, puxou a ficha dela? É amante do velho? – perguntou astutamente o capitão.

– Já checamos, está limpa. Parece até que é uma funcionária exemplar, segundo o patrão, que jura não ter nada com ela. Até tinha se oferecido para trabalhar hoje, com um calor desses. Desperdício, hein? – Piscou de forma maliciosa para o policial, que sorriu concordando.

– Isso é verdade... Desperdício mesmo! – Respondeu olhando para as pernas da Sandrinha, que continuava em prantos.

– Deixa eu continuar meu trabalho, chefe. E vê se não esquece daqueles seus amigos, certo?

– Pode deixar, trato é trato.

- VIII -

Sandra ocupava agora o seu tempo selecionando pessoalmente os inúmeros convites que recebia para desfilas. Aceitava apenas os dos estilistas que eram seus amigos pessoais. Valentino, Gucci, Galtier... Eventualmente Calvin Klein, dependendo do seu estado de espírito.

Dinheiro não era mais problema para ela. A fama sim, tinha se tornado um. Não podia sequer colocar o rosto na janela da sua mansão sem ficar cega pelos flashes inoportunos. Ossos do ofício que ela não se importava muito em roer.

Naquela noite Sandra concedia uma rara entrevista exclusiva para a *Biggest Fortunes*, revista social sobre pessoas com grande fama e dinheiro ao redor do mundo. Tratava-se de uma edição especial, sendo a primeira vez em cinquenta anos que a publicação era dedicada totalmente a apenas uma pessoa.

- Pronta para a parte final da entrevista, querida?
- Claro. Mas que não se estenda muito, já estou cansada.
- Pode ficar tranqüila, já está acabando. Uma Cidade?
- Milão.
- Música?
- Jazz contemporâneo – respondeu, impaciente.
- Comida?
- Francesa. Mas apenas o trivial.
- Saudades?

Silêncio. Sandra parecia olhar para o infinito.

- Querida?
 - Enrico – respondeu Sandra, suspirando.
 - Enrico? – perguntou a jornalista com os olhos brilhando, ávida por conseguir um furo de reportagem.
- Sandra sorriu, maliciosamente.
- Foi a única pessoa que me amou de verdade. Mas isso é uma longa história... Qualquer dia eu te conto.
 - Não quer aproveitar o momento? – suplicou a entrevistadora.
 - Não.

Despediu-se polidamente, agradeceu a visita e retirou-se para o seu quarto, deixando a jornalista com os empregados. Já deitada na cama lembrou-se com carinho de Enrico, enrolando nos dedos um chumaço de cabelos loiros presos a um grosso cordão de ouro.

A LUA POR TESTEMUNHA

Quando a parteira trouxe à vida seu filho, Pedro tomou-o nos braços, abriu a janela do barraco em que morava e ofereceu-o para a lua, invocando sua proteção. Desempregado, assistiu a miséria, aos poucos, dominar sua vida. Com ela vieram a fome e o vício. A única saída aparente era o crime. Na última vez que Gabriel viu o pai ele estava sendo levado morro abaixo pela polícia, algemado. Nunca mais se soube de Pedro.

Com vinte anos, Gabriel caiu doente. Coração. O transplante era a única saída. Por falta de doador, morria aos poucos, na enfermaria. Uma noite Pedro, não se sabe como, apareceu no hospital. Implorou aos médicos que o salvassem, mas não havia o que fazer. Conformado, pediu papel e caneta à enfermeira. Foi ao banheiro e, em alguns minutos, ouviu-se um tiro. Quando o encontraram estava sentado, agonizando, com a arma na mão. No colo, um bilhete: “Dêem o meu coração para o Gabriel”. Morreu em seguida, com os olhos fixos na janela do banheiro, que estava aberta. A lua, sua testemunha.

TEMPO

Pó.

Foi o pó suspenso em um feixe de luz vindo da janela entreaberta, pairando sobre teu corpo, que me encantou. Parei de me vestir e simplesmente sentei ao teu lado na cama, vendo você dormir.

Te ver nua, deitada de bruços, com os cabelos soltos no travesseiro, sob a luz da manhã que teimava em desenhar sombras na tua silhueta e aquecer tua pele, fez com que eu te sentisse pela primeira vez, após tanto tempo. Antes era como poesia sem métrica, aquarela apenas com tons de cinza. Mas não naquele momento, de luz e silêncio.

Escutei tua respiração calma, serena, quase infantil, entrecortada apenas pelos ruídos da cidade que teimava em despertar. Toquei com as costas dos dedos o teu rosto, em um carinho simples, mas cheio de devoção. Por alguns momentos, o tempo simplesmente desacelerou, quase parando.

Lembrei-me então que sempre quis saber o que é o amor. Esta manhã percebi que ele simplesmente se faz presente, te esperando, todo o tempo. Mas é preciso entender que ele está envolto na beleza, íntimo, sutil, escondido entre os instantes da tua vida, quase em segredo. Nunca será definido, nem pelos poetas. Apenas sentido. E para sentir o amor, é preciso parar o tempo. Parar o suficiente para poder enxergar o pó suspenso em um feixe de luz.

SOBRE O AUTOR

Nascido na capital paulista em agosto de 1970, William Francisco Henrique encontrou na leitura uma fonte inesgotável de conhecimento e prazer, adotando-a como hábito diário desde a mais tenra infância.

Administrador de empresas por formação, informático por opção, começou a escrever na adolescência e desde então nunca mais parou.

Com o passar dos anos destacou-se no universo literário conquistando mais de vinte prêmios, alguns de âmbito internacional.

Escreve também poesias, embora seu ponto forte seja a prosa. Em 1999 teve o conto “*O Escolhido*” publicado através de uma coletânea distribuída nacionalmente pela Academia Barretense de Cultura intitulada “Prêmio Jorge Andrade”.

Em 2001, uma nova publicação com o conto “*Uma História Estranha*”, em uma coletânea distribuída pela Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, a “Amulmig 2000”.

Em 2003, mais uma publicação com o conto “*Saudade Incoerente*” na coletânea “A Forja da Liberdade”, publicada nacionalmente pela Editora Arnaldo Giraldo, em São Paulo.

Apostando no crescente desenvolvimento tecnológico das novas mídias, adotou o formato dos livros eletrônicos (*E-Books*) como uma forma alternativa de divulgação do seu trabalho, nunca descartando as publicações tradicionais em papel impresso.

Pretende, no futuro, continuar investindo na carreira literária como uma atividade paralela, sempre passando para o papel suas mais íntimas impressões sobre o amor, a vida e as pessoas.

Os direitos autorais dos textos publicados nesta obra
foram registrados pelo autor na
Fundação Biblioteca Nacional – Ministério da Cultura

Sonhos Lúcidos
William Francisco Henrique
2001/2008